

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES – CCTA
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

GABRIELA BARBOSA NEVES

MEMÓRIA DO TELEJORNALISMO DE JOÃO PESSOA/PB

JOÃO PESSOA - PB

2015

GABRIELA BARBOSA NEVES

MEMÓRIA DO TELEJORNALISMO DE JOÃO PESSOA/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Coordenação do curso de Jornalismo da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito
final para a obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zulmira Nóbrega

JOÃO PESSOA - PB

2015

GABRIELA BARBOSA NEVES

MEMÓRIA DO TELEJORNALISMO DE JOÃO PESSOA/PB

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Zulmira Nóbrega

Prof^o Dr^o David Fernandes

Me. Jocélio Oliveira

JOÃO PESSOA - PB

2015

Dedico a minha mãe e ao meu pai por sempre acreditarem em mim e nos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Devo confessar que chegar até aqui não foi fácil. Quando paro para pensar, não parece que finalmente é ao fim da graduação. Dificilmente eu conseguiria chegar até aqui sozinha, por isso muito obrigada a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação.

À minha mãe me faltam palavras. Obrigada por toda a dedicação a mim todos esses 25 anos. Obrigada pelo apoio e pela confiança de que eu ia conseguir chegar ao fim. Obrigada por toda a preocupação nesses 6 meses com minha saúde e pelas receitinhas para dores causadas pelas tantas horas na frente do computador. Obrigada, obrigada, obrigada!

Ao meu pai agradeço pela disposição em sempre me ajudar quando mais preciso e por me ensinar que coisas boas sempre estão por vir. Obrigada, paizinho.

A minha irmã e meu cunhado, obrigada pelos jantares deliciosos de domingo que me ajudavam a relaxar. Não digo com frequência, mas vocês são os melhores!

Às minhas tias, tios e primos obrigada por acharem que sou uma super jornalista quando na verdade nem formada era.

Aos meus amigos da faculdade e fora dela. Muito obrigada pelo apoio, pelas palavras motivadoras e paciência com meus medos e dramas. Vocês são o máximo e não sei o que faria sem vocês.

A minha professora orientadora Zulmira Nóbrega muito obrigada por ter abraçado essa pesquisa e me ajudado a não desistir. Sua dedicação fez toda a diferença.

Aos jornalistas que se dispuseram a responder todas as minhas perguntas, muito obrigada. Vocês foram fundamentais para essa pesquisa e sou extremamente grata por isso.

Por último, não por ser menos importante, mas sim por sua magnitude, obrigada Senhor por ser meu guia e meu refúgio e por ter sua Mãe, Maria, sempre intercedendo por mim. Muito obrigada.

*Odiei as palavras e as amei,
e espero tê-las usado direito.*

A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS – MARKUS ZUSAK

NEVES, Gabriela Barbosa. **Memória do Telejornalismo de João Pessoa/PB**. João Pessoa, PB: UFPB/CCTA/DJ. Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo.

RESUMO

Dezenove de setembro de 1950 entra no ar pela TV Tupi, fundada pelo paraibano Assis Chateaubriand, o primeiro telejornal brasileiro, *Imagens do Dia*. Em João Pessoa, na Paraíba, a exibição de um telejornal ocorreria apenas quase três décadas depois, em 1987. Esta pesquisa de natureza exploratória, descritiva e qualitativa apresenta elementos para construção dessa história. Para tanto, utiliza-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas com sete jornalistas que vivenciaram a ambiência de suas respectivas redações à época. Dessa forma, amparada em autores como Traquina (2012), Medistch (1997) Paternostro (2006), Aquino (2010), Romancini (2007), Le Goff (2003) e Vizeu (2002) discute as teorias do jornalismo e sua evolução, memória, história, os primeiros telejornais brasileiros e suas ambiências. Apresenta contribuições, depoimentos, sobre a implantação das quatro primeiras emissoras de TV da cidade: TV Cabo Branco, TV Manaíra, TV Tambaú e TV Correio, destacando as mudanças que aconteceram no telejornalismo local, as questões sobre audiência e também sobre as primeiras transmissões. Concluindo que, mesmo com a implantação do telejornal em 1950 no Brasil, há pouca evolução e continua muitas limitações. Não só na questão tecnológica, mas na forma de se ter acesso a notícia.

Palavras-chave: televisão; telejornalismo; memória; história

NEVES, Gabriela Barbosa. **Memória do Telejornalismo de João Pessoa/PB**. João Pessoa, PB: UFPB/CCTA/DJ. Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo.

ABSTRACT

September nineteen, 1950 goes live on TV Tupi, founded by Assis Chateaubriand that's from Paraíba, Brazil's first newscast, *Imagens do Dia*. In João Pessoa, Paraíba, the display of a newscast only occur almost three decades later, in 1987. This research that is exploratory, descriptive and qualitative, features elements for building this story. Therefore, it uses bibliographic research, documentary and semi-structured interviews with seven journalists who experienced the ambience of their respective newsrooms at that time. In that way, supported by authors like Traquina (2012), Medistch (1997) Paternostro (2006), Aquino (2010), Romancini (2007), Le Goff (2003) and Vizeu (2002) discusses the theories of journalism and its evolution, memory, history, the first Brazilian TV news and its ambiances. It features contributions, testimonials on the implementation of the first four city TV stations: TV Cabo Branco, TV Manaira, TV Tambau and TV Correio, highlighting the changes that happened in the local newscast, questions about audience and also on the first transmissions. Concluding that even with the newscast implementation in 1950 in Brazil, there is little progress and still many limitations. Not only in the technological issue, but also in the way to have access to news.

Key-words: television; newscast; memory; history

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gilson Souto Maior e Temísthocles Maciel, TV Borborema (1974)	35
Figura 2 - Edilane Araújo apresentando o programa Jogo aberto em 1986	37
Figura 3 - Aldo Schueler na apresentação do Tambaú Notícias	41
Figura 4 – Apresentador Tony Show, TV Correio.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 CONCEITUANDO JORNALISMO.....	14
2.1.1 Jornalismo no percurso do tempo.....	16
2.1.2 Explicando jornalismo.....	18
2.2 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO.....	20
2.2.1 Vendo TV.....	21
2.2.2 TV na Taba: A TV chega ao Brasil.....	23
2.2.3 Imagens do Dia: o telejornalismo no Brasil.....	26
2.3 MEMÓRIA, HISTÓRIA E TELEJORNALISMO.....	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	32
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA	34
4.1 AS EMISSORAS.....	34
4.1.1 TV Cabo Branco.....	36
4.1.2 TV O Norte.....	39
4.1.3 TV Tambaú.....	41
4.1.4 TV Correio.....	43
4.2 AMBIÊNCIAS DO TELEJORNALISMO.....	45
4.3 AUDIÊNCIA: ONTEM E HOJE.....	48
4.4.A PRIMEIRA VEZ.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	56
APENDICÊ A	59
ENTREVISTA I – SÍLVIO OSIAS.....	59
ENTREVISTA II – EDILANE ARAÚJO.....	62
ENTREVISTA III – GILSON SOUTO MAIOR.....	65
ENTREVISTA IV – NELMA FIGUEIREDO.....	71
ENTREVISTA V – ALDO SCHUELER.....	74
ENTREVISTA VI – TONY SHOW.....	77
ENTREVISTA VII – JOANILDO MENDES.....	79

1 INTRODUÇÃO

No dia 18 de setembro de 1950, às sete horas em ponto, o Jockey Club de São Paulo estava lotado com pessoas a espera da grande estreia. Em vários outros pontos da cidade foram instalados receptores, que chegaram no Brasil por caminhos duvidosos. Todo mundo estava morrendo de ansiedade. Num estúdio, artistas se posicionavam para entrar no ar, tudo estava pronto. Uma das câmeras falhou, houve um alvoroço. Assis Chateaubriand, o homem que aguardava ansiosamente esse dia não sabia o que fazer. Após uma hora e meia de atraso Cassiano Gabus Mendes coloca tudo nos eixos e comanda o TV na Taba, primeiro programa brasileiro e eis que a TV virou realidade no país.

No dia após a estreia, o primeiro telejornal entrou no ar. *Imagens do Dia* e tinha um estilo fortemente radiofônico, visto que era a única referência para os profissionais da época.

Depois da inauguração da TV Tupi, muitas outras emissoras vieram, muitos programas passaram a fazer parte da vida das pessoas e muitos telejornais as informaram e continua informando a população.

A ideia que o jornalista Assis Chateaubriand colocou na cabeça em 1949 deu tão certo que hoje a televisão tornou-se um dos principais meios de comunicação. Porém para chegar até onde está hoje, mais de seis décadas depois, a TV percorreu um longo caminho. Ela precisou de muito aperfeiçoamento, tanto técnico quanto dos seus profissionais que até então vinham do rádio ou jornal impresso. Além disso, a televisão precisou procurar novas formas de produção e conquistar sua credibilidade e a confiança do telespectador.

Na velocidade das mudanças na história e na tecnologia, os profissionais do telejornalismo precisam caminhar rápido para não perder de vista as novas tendências dos meios de comunicação de massa. Hoje, para cobrir os acontecimentos locais, estaduais, nacionais e internacionais, os telejornais vão à beira de seus limites e, a partir de formatos particulares, que seguem as exigências de cada emissora, tentam levar o mais rápido e com a qualidade exigida o acontecimento para o seu público-alvo. (MELLO, 2015)

Segundo Mattos (2007) os estudos relacionados a TV e a sua historiografia só começaram a aparecer em 1960 e intensificados em 1980. Ainda assim, apesar do grande número de trabalhos acadêmicos nessa temática existe ainda uma deficiência com relação a estudos mais regionalizados sobre esse meio de comunicação que tanto conquistou o Brasil.

Esta pesquisa tem o objetivo de contribuir para o debate e mapeamento da trajetória das quatro primeiras emissoras de televisão na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, até

os dias atuais. Vamos compreender como se deu o processo de implantação e desenvolvimento desta mídia na cidade.

Segundo Le Goff a memória é importante porque é a principal referência na formação da nossa identidade. Através dela, temos elementos para nos conhecermos, seja individual ou coletivamente. A memória, ainda segundo o autor, procura salvar o passado:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 2003, p 477)

A televisão faz parte do dia-a-dia de milhões de brasileiros, que não só procuram informações nos telejornais, mas também entretenimento nas telenovelas e programas. A comunicação como parte das nossas vidas também constitui a memória. Le Goff estabeleceu em seus estudos que os jornalistas, por exemplo, são “profissionais científicos da memória” como os antropólogos, historiadores e sociólogos.

Na Paraíba, havia uma emissora em atuação pertencente aos Diários Associados, a TV Borborema, desde os anos 60. Mas ela não se situava na capital paraibana e sim em Campina Grande, onde Assis Chateaubriand já possuía uma emissora de rádio. Somente mais de 20 anos depois, foi que a primeira televisão foi instalada em João Pessoa. A primeira a estrear foi a TV Cabo Branco, afiliada Globo, que chegou dia 1º de Janeiro de 1987. No mesmo dia e ano estreou também a TV O Norte como afiliada da Rede Manchete.¹ Em 1991 foi a vez da TV Tambaú e por fim a TV Correio, em 1992.

Tentar compreender e sistematizar a história é uma tarefa árdua e paciente. Trazer à tona a história e memória das emissoras de televisão em João Pessoa mostrou-se um trabalho excessivamente desafiador, pois há poucos registros de como se deu a implantação e desenvolvimento das mesmas. Nesta pesquisa foi necessário recorrer a depoimentos de jornalistas que trabalharam naquela época, contanto com suas memórias e seus acervos fotográficos.

Diante do exposto, o trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o jornalismo, suas fases e desenvolvimento, desde o século XVIII, seguido pelo contexto histórico da criação do aparelho televisivo, as primeiras transmissões pelo mundo e sua chegada no Brasil. Ainda nessa primeira parte, fazemos um

¹ Apesar da TV Cabo Branco e TV O Norte terem estreado no mesmo dia, considera-se que a Cabo Branco foi a pioneira devido ao período que passou a exibir, em caráter experimental, uma programação por todo ano de 86 como afiliada da Rede Bandeirantes. Além disso, a estreia do primeiro programa da TV Cabo Branco foi ao meio dia e da TV O Norte, as 7 da noite.

levantamento sobre os primeiros telejornais no país, além de conceituar história e memória e a importância delas.

Na segunda parte, temos os resultados das entrevistas feitas com profissionais que fizeram parte da fundação das emissoras, como Edilane Araújo, Silvio Osias, Gilson Souto Maior, Nelma Figueiredo, Aldo Schueler, Tony Show e Joanildo Mendes, além de todo o histórico de cada uma das quatro emissoras abordadas separadamente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITUANDO JORNALISMO

Conceituar o jornalismo não é uma tarefa fácil. Há inúmeros autores, livros e artigos, que tentaram explicá-lo. Pode-se dizer que o jornalismo é a vida que nos rodeia, as histórias contadas dia-a-dia, nos jornais, nas televisões; separadas em diversas seções, como economia, cultura, meio ambiente, política etc. Ele também pode ser considerado tudo o que é importante ou interessante. (TRAQUINA, 2012, p. 21)

Para Medistch (1997) o jornalismo é uma forma de produção de conhecimento, porém de acordo com essa afirmação, autor acrescenta que esse conhecimento pode “tanto servir para reproduzir outros saberes, quanto para degradá-los”. Para melhor compreensão, Meditsch explica que por muito tempo a Ciência foi vista como única forma de aprendizagem e por isso o jornalismo não produziria um saber válido e serviria apenas destruir o que foi adquirido com base nas leis científicas. Mas em contra partida, ele defende que ao invés de comparar jornalismo e ciência, tentando trazer para perto o que eles têm de semelhante, a singularidade do saber jornalístico é o diferencial: “O Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar.”

Outros autores, de forma mais simples, defendem que o jornalismo é a realidade. Em torno disso há um acordo velado entre aqueles que escolhem a profissão e aqueles que consomem a notícia, que dá credibilidade ao jornalismo, onde o principal produto do jornalismo é a não ficção. Notícias não podem ser invenções. Porém, muitas vezes a realidade é contada em pedaços, alguns acontecimentos, como uma telenovela. (TRAQUINA, 2012)

Rossi (1980) defende que o jornalismo é uma batalha que tem como alvo os leitores, telespectadores e ouvintes, onde a arma é a palavra e a imagem.

Essa batalha pelas mentes e corações, entretanto, é temperada por um mito – o mito da objetividade - que a maior parte da imprensa brasileira importou dos padrões norte-americanos. (ROSSI, 1980, p. 3).

Ao longo do tempo, a necessidade de se comunicar, se manter informado, fez com que a maioria das pessoas necessitasse saber o que as rodeiam. Por isso, o jornalismo pode ser explicado como “a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias”. (TRAQUINA, 2012, p. 20)

O jornalismo também pode ser considerado um conjunto de “estórias”.

Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram as notícias, a sua principal preocupação, como ‘estórias’ (...) Poder-se-ia dizer que os jornalistas são os modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa de contar ‘estórias’ (TRAQUINA, 2012, p. 21b)

É importante dizer que o jornalismo é uma profissão das mais difíceis e como maiores responsabilidades. É uma profissão criativa, onde todos os dias veem novas construções de notícias, novas palavras, embora, sofra com a pressão do tempo e dos formatos, da hierarquização e dos próprios donos das empresas.

O jornalista Jorge Calmon, num discurso na Academia de Letras da Bahia, em 1965, definiu o jornalista como alguém que protege o interesse público, fiscaliza governos, denuncia abusos, luta contra a violência e a favor da liberdade. Tudo isso, com a esperança de uma construção pacífica e harmoniosa do futuro.

Não se pode falar de jornalismo sem falar em democracia – discursão que percorre décadas – pois sem ela, não há uma imprensa livre. E então como defini-lo numa democracia? Os fundadores da teoria democrática insistem “na liberdade como sendo essencial para a troca de ideias e opiniões, e reservaram o jornalismo não apenas o papel de informar os cidadãos, mas também a responsabilidade de ser o guardião do Governo.” (TRAQUINA, 2012, p. 22 e 23).

Outro ponto essencial quando se trata desse assunto é a ética, pois é ela que rege a conduta do profissional e dos meios de comunicação, para que cumpram o compromisso com a verdade. Independente da resposta para “o que é jornalismo?” é preciso que os profissionais cumpram seu papel com a verdade e a ética, acima de tudo e de todos.

O jornalismo tratado por Traquina (2012) como “campo jornalístico” possui dois polos: um ideológico e outro econômico. O polo ideológico é aquele comprometido com o serviço público, com os cidadãos, tendo como objetivo maior, informar. Porém, com o desenvolvimento do jornalismo no século XIX, percebeu-se que a notícia pode ser lucrativa. Surge então o polo econômico, aquele que visa vender o seu jornal ou telejornal para a população, sem levar em conta a ideologia da profissão.

A tensão entre esses dois polos é permanente e insolúvel, mas sofre intensificações, como foi verificado nas duas últimas décadas do século XX, sobretudo na Europa, com a desregulamentação, às vezes selvagem, da atividade televisiva. (TRAQUINA, p. 27, 2012)

Diante do exposto, podemos dizer que o jornalismo é conhecimento, responsável por construir a realidade a nossa volta. Mas também é a resposta que fazemos todos os dias, é a

batalha para conquistar o povo, mas também uma batalha pelo povo. Jornalismo é verdade e informação.

Sendo assim, é possível resumir o jornalismo como o próprio Traquina e dizer que é simplesmente a vida que nos rodeia.

2.1.1 Jornalismo no percurso do tempo

O jornalismo, tal qual conhecemos hoje, tem suas raízes no século XIX, numa época em que houve grande expansão dos jornais impressos e onde eles ganharam um novo objetivo: fornecer informações ao invés de propaganda.

Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura de verdade, a independência, a objetividade e uma noção de serviço público – uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do “polo intelectual” do campo jornalístico. (TRAQUINA, 2012, p. 34)

Ciro Marcondes Filho (2000) foi um dos autores que fez uma classificação histórica das fases do jornalismo, desde o século XVIII. Antes disso, Marcondes Filho (2000) afirma que a profissão ainda era considerada artesanal.

Para o autor, a primeira fase se situa em 1789, chamada de primeiro jornalismo. Nessa época a prática tinha a característica política e literária, além de não visar nenhum lucro. O principal propósito era defender ideias políticas, em textos cheios de críticas e opiniões. Quem fazia jornalismo eram escritores e intelectuais.

Após essa primeira fase, que segundo a divisão de Marcondes Filho, termina por volta de 1830, no século XIX, houve uma grande evolução na atividade jornalística, tanto pela sua comercialização quanto pela profissionalização de seus trabalhadores.

O século XIX ficou conhecido como a “época de ouro” da imprensa, isso porque houve um grande aumento na tiragem e nos jornais na França e Estados Unidos. Entre os fatores que contribuíram para essa época estão os avanços tecnológicos e evolução do sistema econômico. “O desenvolvimento da imprensa está relacionado com a industrialização da sociedade e com o desenvolvimento duma nova forma de financiamento, a publicidade.” (TRAQUINA, 2012, p. 36)

Ao transformar-se num negócio, onde os donos de jornais visavam uma maior circulação do produto, obtendo assim mais lucro, foi possível ver o crescimento do jornalismo

dentro dos seus próprios padrões, despolitizado. Esse foi um grande passo para a atividade jornalística que deixava de ser propaganda,² para informar.

Em meio a essas evoluções, Marcondes Filho (2000) aponta que surge, na busca por leitores, o furo jornalístico, o sensacionalismo. Há preocupação com a primeira capa, onde são colocados os assuntos importantes. Surgem também as reportagens, entrevistas e manchetes.

Tendo mais independência em relação aos partidos políticos, os jornais adquiriram outra forma de financiamento, que foi a publicidade. No final do século XIX, o jornal tornou-se cada vez mais importante como veículo de publicidade.³ Os anúncios apareciam cada vez mais nos jornais, que circulavam cada vez mais, possibilitando aumentar o número de pessoas empregadas na produção da notícia.

O investimento em publicidade cresceu de maneira vertiginosa, mas segundo Nelson Traquina (2012) um *mass media*, que ele chama de “dispositivo tecnológico que chega a um grande número de pessoas” só foi possível com o advento das novas tecnologias.

Os avanços na rapidez de transmissão da informação, em particular o telégrafo, em 1844 e o telégrafo por cabo em 1866, iriam ser o sinal de uma nova era do jornalismo, cada vez mais global, e cada vez mais ligado à atualidade, que continua cada vez mais viva hoje, em que o tempo exerce um controle tirânico (...). (TRAQUINA, p. 38, 2012)

Vários fatores contribuíram para a expansão da imprensa, segundo Traquina (2012): o capitalismo, que obtinha cada vez mais lucros; o desenvolvimento tecnológico, onde as maquinarias permitiam tiragens muito maiores; a nova onda de leitores, ávidos por notícias, visto que a taxa de alfabetização tinha crescido, mas um dos fatores mais importantes foi a liberdade. A crescente conquista dos direitos fundamentais, como a liberdade, valor central da democracia, contribuiu em cada momento do desenvolvimento da imprensa.

A comercialização da imprensa permitiu que o jornalismo se afastasse da política tonando-se mais independente e trazendo um novo produto a indústria: a notícia como informação. Traquina (2012) aponta que “A nova ideologia pregava que os jornais deveriam servir os leitores, e não os políticos, pregava que traziam informação útil e interessantes aos cidadãos, em vez de argumentos tendenciosos em nome de interesses partidários, pregava fatos e não opiniões.”

² Segundo TRAQUINA (2012), antes do desenvolvimento do jornalismo no século XIX, os jornais eram utilizados como armas políticas que defendiam ideias e apoiava regimes, fazendo propagandas.

³ No século XIX o jornalismo começa a ser um negócio, por isso, páginas dos jornais passam a ter anúncios publicitários, que ajudava nos lucros da imprensa.

A expansão da imprensa já vinha acontecendo, mas foi com o *Penny press*⁴, entre os anos de 1830 e 1840, nos Estados Unidos, que surgiu o novo jornalismo, ou seja, um jornalismo que dava importância aos fatos, à informação. “É precisamente esta ideia que a chamada *penny press* dinamizou, efetuando assim a mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação.” (TRAQUINA, 2012, P. 51).

Ainda segundo o autor na era do positivismo, no mesmo século, viu-se um grande culto aos fatos. Em meio a caça deles, surge uma nova figura, um pouco romanceada, o repórter. Ele diz que “A caça hábil dos fatos dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador. Posteriormente, iria emergir uma nova forma jornalística baseada num trabalho exaustivo dos fatos: o jornalismo de investigação.”

Um valor central da cultura jornalista surgiu junto à essa necessidade de acompanhar os fatos em tempo hábil, o imediatismo. Essa nova obsessão colocou cada vez mais pressão nas horas de fechamento. O advento do telégrafo tornou possível o jornalismo operar dentro desse “presente instantâneo”, consolidando assim toda a ideia que envolvia o *penny press*. (TRAQUINA, 2012, p. 53)

Em 1900, surge uma nova fase, o terceiro jornalismo, segundo Marcondes Filho (2000), caracterizada pelo surgimento de grandes grupos que monopolizam o mercado. Nesse período o desenvolvimento tecnológico e da transmissão da notícia também são destaque. Além disso, as indústrias publicitárias surgem com novas formas de comunicação, competindo com o jornalismo. O autor ainda acrescenta que é nessa época que os jornais começam a ser divididos por sessões e surgem as editorias.

A quarta e última divisão do jornalismo por volta de 1970 e persiste até os dias atuais, considerada assim a Era da tecnologia. Essa fase é caracterizada pela interatividade, pela informação eletrônica, uso massivo de tecnologia, pelo aumento na velocidade da informação e pela crise da imprensa escrita.

Nessa fase, também ocorre uma grande transformação nas redações, com a implantação de sistemas informatizados, que por consequência, muda a produção de notícia e altera as funções dos profissionais da imprensa. Além disso, a sociedade também participa da produção da notícia.

2.1.2 Explicando jornalismo

⁴ O termo remete ao preço do impresso, que passa ser de um centavo, tornando-o mais acessível, à um novo público, menos hegemônico, aumentando assim sua circulação

A ideia da necessidade de uma teoria do Jornalismo surgiu no Brasil, no início dos anos 80, através do jornalista Adelmo Genro. Adelmo, quando ainda estudante, notou que havia dois pontos relevantes, em relação as teorias ministradas nos cursos de comunicação: de um lado se via a redução do jornalismo a uma ideologia; do outro lado, teorias da comunicação que não captavam a especificidade do jornalismo, misturando-o com as mais diversas comunicações. A partir disso, ele defendia a criação de uma Teoria do Jornalismo.

Para Eduardo Meditsch (1990), em sua pesquisa de mestrado, ficou nítida a dissociação entre teoria e prática no ensino do jornalismo, isso por conta da introdução da “Comunicação social” como parâmetro curricular em 1969. A nova ciência trouxe um novo profissional, o “comunicador polivalente”, descartando assim os profissionais já formados nas escolas de jornalismo.

Esta contradição, somada à inconformidade das próprias escolas com as novas orientações pedagógicas impostas, manteve as profissões clássicas como “habilitações” do novo Curso de Comunicação Social e tornou o “comunicador polivalente” uma habilitação entre as outras, que com o tempo seria abandonada (MELO, 1974). No entanto, a teoria pensada para a formação deste profissional idealizado ocupou os currículos no chamado “tronco comum”, enquanto as “partes específicas” eram preenchidas com disciplinas técnicas, voltadas às profissões existentes, sem maior conteúdo teórico ou ligação com aquele tronco comum. A dicotomia entre teoria e prática, se já existia antes nos antigos Cursos de Jornalismo, ficou mais difícil de reverter nos novos Cursos de Comunicação (MEDITSCH, 1990).

Sendo assim ao longo de várias décadas foram pensadas várias teorias que tentassem responder as tantas perguntas que permeiam o jornalismo. Nelson Traquina listou algumas dessas teorias que, tentam explicar ‘por que as notícias são como são?’ ‘Qual o papel dos jornalistas na sociedade?’, entre outras tantas perguntas.

Aqui listaremos as sete teorias, segundo o autor, deixando claro, pelo próprio Traquina que “o termo ‘teoria’ é discutível, porque pode também significar aqui somente explicação interessante e plausível, e não um conjunto interligado de princípios e proposições.”. (TRAQUINA, 2012, p. 148)

TEORIAS DO JORNALISMO	
Teoria do espelho	“As notícias são como são porque a realidade assim as determina.” É a teoria mais antiga. Segundo Traquina (2012), defende a ideia da objetividade no jornalismo. O jornalista é apenas um comunicador, nada mais que isso, desinteressado, ele conta a verdade como é. – Principais Até hoje, essa teoria é uma concepção dominante no jornalismo ocidental.
A teoria de ação pessoal (gatekeeper)	“As notícias são como são porque os jornalistas assim as determinam.” Surgiu nos anos 50, como forma de deferência ao jornalismo e ao seu poder. Nesta teoria Traquina diz que o processo de produção da informação é um processo de escolhas, onde o fluxo de notícia tem que passar por diversos portões, os “gates”, antes de ser veiculada.
Teoria organizacional	“As notícias são como são porque as empresas e organizações jornalísticas assim as determinam.” Nessa teoria vemos a notícia como um produto a venda, saindo do âmbito individual para o âmbito da organização jornalística. Assim sendo, as normas das empresas se sobrepõe aos valores individuais de cada jornalista.
Teorias de ação política	“As notícias são ‘propagandas’ que sustenta o sistema capitalista.” A proposta das teorias de ação política é de que há influência da ideologia política nas informações passadas pelos veículos de comunicação. Segundo esta teoria, a notícia pode ser distorcida para favorecer algum interesse, que na maioria das vezes visa o lucro.
Teoria estruturalista	“A notícia é resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais” Para Traquina, essa teoria mostra que a notícia é produto de vários fatores, como a organização burocrática da mídia; a estrutura dos valores-notícia, a prática e a ideologia profissional dos jornalistas; o momento em que se controle a notícia.
Teoria construcionista	“A notícia é uma construção” Essa teoria surgiu nos anos 70 e opõe-se a teoria do Espelho. Traquina fala da impossibilidade de distinguir a realidade e os meios noticiosos que devem refletir essa realidade, a influência de fatores organizacionais e a imprevisibilidade dos fatos.
Teoria interacionista	“As notícias são o resultado de um processo de produção.” Na teoria interacionista o jornalista precisa lidar com a pressão do tempo. O maior desafio é ter de elaborar um produto final todos os dias. Por conta disso, os acontecimentos, que são a matéria-prima com o qual o jornalista trabalha, podendo surgir em qualquer parte e a qualquer momento.

Fonte: Traquina (2012). Elaboração própria

2.2 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO

A televisão, desde sua criação quando parecia uma caixa mágica onde era possível ver coisas acontecer dentro dela, sempre foi muito mais que um simples eletrodoméstico. O aparelho tem um significado bastante relevante nas nossas vidas, pois através dele formam-se ideias, criam-se opiniões, valores e comportamento. Para se ter uma ideia, de acordo com uma pesquisa do IBGE feita em 2013 e divulgada em 2015, 63,3 milhões de domicílios no Brasil possuíam TVs em 2013, o que corresponde a 97,2% do total.

Em 2015, a Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - Ibope (IBOPE, 2015) divulgou um estudo onde mostra que, apesar das pessoas estarem cada vez mais conectadas pela internet, 95% delas ainda veem TV e 79%

delas, assistem para se informar. Através desse resultado é possível perceber que mesmo com o advento da internet, os telejornais ainda são fonte de informação para uma parcela representativa da população.

Para Vizeu (2002) os telejornais e os jornalistas que estão inseridos neles possuem grandes responsabilidades sociais e que batem de frente com a pressão exercida pela busca de audiência. Ela está sempre presente nas redações na hora de decidir o que vai ser notícia ou não. O profissional está sempre preocupado com público e como é transmitida a notícia. (VIZEU, 2002)

Odejaime de Hollanda, editor executivo do Jornal Nacional nos anos 90, quando questionado sobre algum material editado, sempre perguntava “minha mãe vai entender?”. Esse questionamento guiava repórteres para que seus textos fossem limpos e enxutos, sem rebuscamento, atingindo assim o objetivo de informar até as pessoas menos letradas. (MEMÓRIA GLOBO)

Para o telejornalismo um bom texto deve estar sempre ligado a uma boa imagem. A TV lida simultaneamente com dois sentidos: audição e visão, além de, dependendo do conteúdo da notícia lidar também com o emocional do telespectador. Algumas vezes, a intensidade de uma imagem que fica no ar por 15 segundos, pode marcar a mente das pessoas pra sempre. (PATERNOSTRO, 2006).

2.2.1 Vendo TV

O ser humano tem a necessidade de se comunicar desde seus primórdios, em sua essência o homem é um ser social. Foi através dessa necessidade que surgiu a escrita e outros tantos meios de comunicação. O homem, não só necessita se comunicar, mas também trocar informações, o que segundo Paternostro (2006) contribuiu para a propagação de meios eficientes para que essa troca acontecesse.

Até onde podemos entender, a TV foi um dos meios de comunicação que revolucionou o mundo. Desde o seu surgimento, até hoje, a televisão influenciou pessoas, aproximou distancias e marcou gerações. Ela está na casa de milhões de pessoas informando e entretendo – desde os mais críticos aos mais fáceis de agradar. Porém, para ela chegar a casa dessas tantas pessoas, ela percorreu um longo caminho.

A televisão é um produto da pesquisa de vários cientistas. A partir do século XIX, um químico sueco descobriu que o elemento químico selênio, variava a capacidade de conduzir energia elétrica, de acordo com a quantidade de luz recebida. Isso queria dizer, que era

possível transmitir, por corrente elétrica, imagens compostas de pontos de diferentes graus de luminosidade. Em 1884 um alemão, Paul Nipkow, criou uma espécie de disco, no qual proporcionava a transmissão de imagens a distância, técnica que contribuiu para o surgimento da televisão.

Outros cientistas alemães contribuíram para o surgimento do aparelho, ampliando as pesquisas de células fotoelétricas, como Julius Elster e Hans Geitel.

Constantin Perskyi apresentou, em 1900, ao Congresso Internacional de Eletricidade de Paris uma tese que descrevia o funcionamento de um equipamento com base nas propriedades fotocondutoras do selênio, transmitindo imagens à distância. O título daquele trabalho era “Televisão”, palavra que criou a partir da reunião de dois termos: 1) tele, que pode ser traduzido do grego por longe, e 2) videre, que em latim significa visão. (ABREU E SILVA, 2011)

Assim, em 1923, Vladimir Zworykin, um inventor russo, naturalizado nos Estados Unidos, inventou um tubo chamado de iconoscópio, que permitiu transmitir imagens à uma distância de mais de 30 quilômetros e eliminou o processo mecânico com o disco de Nipkow.

Após muitos testes, e vários pesquisadores, em 1930 foi inaugurada a BBC – *British Broadcasting Corporation* –, na Inglaterra, que foi a primeira a transmitir um programa de televisão no mundo com imagem composta por 240 linhas, um padrão mínimo, considerado de alta definição. Três meses depois o sistema da BBC já possuía 405 linhas. (ABREU E SILVA, 2011)

As demonstrações e testes continuaram, até que em 1939, em Nova York, a NBC – *National Broadcasting Corporation* – transmitiu ao vivo a inauguração da Feira Mundial. “A partir de 1940, a TV se afirma: o sistema já era totalmente eletrônico.” (PATERNOSTRO, 2006)

Apesar da televisão já ser uma realidade, somente após a segunda Guerra Mundial, ela popularizou-se.

As pesquisas e o desenvolvimento da televisão só são retomados após a guerra, quando houve crescimento vertiginoso do número de aparelhos receptores vendidos. Segundo as estatísticas, em 1949, nos Estados Unidos, já existiam mais de um milhão de televisores. Em 1950, os Estados Unidos tinham 107 emissoras de televisão, transmitindo para quatro milhões de televisores. Em 1951 esse número cresceu para dez milhões e, em 1959, o total era de cinquenta milhões. (MATTOS, 2002, p. 167).

Desde então, as pesquisas para tornar a TV um aparelho mais moderno foram se desenvolvendo cada vez mais. Já em 1951, uma TV americana fazia sua primeira transmissão experimental em cores, porém, como os aparelhos não eram adaptados, foi preciso estudar um

sistema compatível com elas. Em 1953 a transmissão colorida finalmente foi possível, dando adeus ao preto e branco.

Outro marco importante na história da TV é a implantação das transmissões via satélite. O lançamento de um satélite em 1962 tornou possível, em caráter experimental, a primeira transmissão entre os Estados Unidos e a Europa. Mas o verdadeiro início da implantação do sistema global de satélites foi em 1965. (PATERNOSTRO, 2006).

As transmissões via satélite foi mais uma vitória para a comunicação. Elas permitiram a proximidade, cruzar fronteiras, até mesmo fácil saber o que está acontecendo do outro lado do mundo. No Brasil, por exemplo, em sua primeira transmissão via satélite, em 1969, foi possível ver o lançamento da nave Apolo XI que acontecia nos Estados Unidos. Podemos apenas imaginar o tamanho da repercussão que isso causou na vida das pessoas.

2.2.2 TV na Taba: A TV chega ao Brasil

No Brasil falar de televisão é também falar sobre o telejornalismo. São histórias que se confundem e se complementam. E para se entender como a televisão veio parar nos nossos lares, é preciso conhecer a história do enigmático e polêmico Assis Chateaubriand.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, ou Assis Chateaubriand ou ainda simplesmente, Chatô, era um nordestino, paraibano, nascido em 4 de outubro de 1892 na cidade de Umbuzeiro. Foi um garoto tímido e gago, o que lhe custou uma alfabetização tardia, apenas aos 10 anos de idade.

Com 15 anos, Chateaubriand começou a cursar a Faculdade de Direito no Recife, em Pernambuco. Ao mesmo tempo, começou a trabalhar em redações de jornais, como *Jornal Pequeno* e *Diário de Pernambuco*.

Alguns anos mais tarde, em 1917, ele se mudou para o Rio de Janeiro onde começa a advogar, mas sem esquecer o jornalismo, trabalhando assim, no *Correio Manhã*. Chatô destaca-se nas duas profissões, conhecendo de políticos a artistas, e assume a direção de *O Jornal*, em 1924.

Em 1930, o jornalista abre a primeira agência de notícias do país: *Meridional*. Na mesma época, funda os *Diários Associados*, o conjunto de veículos de comunicação que chegou a possuir mais de trinta jornais, emissoras de rádios e algumas estações televisivas.

Numa visita a Nova York, Assis Chateaubriand chegou a ser comparado ao Cidadão Kane, personagem inspirado em Willian Randolph Hearst (1863-1951) um magnata americano, dono de uma cadeia de jornais. Ao assistir uma transmissão experimental na NBC,

na cidade, Chatô ficou estupefato chamando a TV de “instrumento mágico” e não teve dúvidas quanto a trazer a tecnologia para o Brasil. (MORAIS, 1994)

A TV chegou em 1950, mas antes de inaugurar sua emissora, o magnata, exigiu uma pré-estreia no Museu de Artes de São Paulo:

A presença do presidente Dutra, de artistas de rádio e de dezenas de políticos e empresários superlotou os salões do museu. Na falta de cadeiras para todos, Chateaubriand sugeriu que os convidados se sentassem no chão "como índios tupis", no que foi imediatamente atendido por um dos mais ilustres deles, o milionário norte-americano Nelson Rockefeller, presidente do Museu de Arte Moderna de Nova York. (MORAIS, 1994)

Depois de muito alvoroço e uma história controversa, onde Assis mandou trazer 200 televisores contrabandeados dos Estados Unidos, para que as pessoas pudessem assistir a estreia da emissora, no dia 18 de setembro de 1950, entrava no ar em São Paulo a TV PRF-3-TV Tupi, ou canal 3.

Enfim, *TV na Taba*, o espetáculo de estreia, foi ao ar e, na base do improvisado, durou quase duas horas. Cassiano Gabus Mendes comandou artistas como Mazzaropi, Walter Forster, Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Lima Duarte, Wilma Bentivegna, Lolita Rodrigues, entre outros — estava dada a largada! A TV brasileira era uma realidade.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 30)

Sim, a TV era uma realidade no nosso país e já no fim da década de 1950 já funcionava meia dúzia de emissoras na região Sudeste (AQUINO, 2010). As imagens das primeiras transmissões ficaram perdidas no tempo, pois era tudo feito ao vivo e o *videotape* só veio surgir duas décadas depois.

Na primeira década de seu surgimento, além do televisor ser um artigo de luxo no Brasil, programação da televisão seguia uma linha de elite, com os artistas trazidos do rádio e teatro. As principais atrações eram as entrevistas, debates, teleteatros, shows e música clássica. (PATERNOSTRO, 2006).

Muitos programas que eram sucessos no rádio, migraram pra TV, jornalísticos, humorísticos e de vários outros gêneros. Com esse aumento na produção, os televisores começaram a se tornar mais acessíveis comercialmente e outras emissoras começaram a se instalar pelo país. Com mais emissoras pelos Estados, a TV entrava cada vez mais na casa dos telespectadores, atraindo assim agências de propagandas e anunciantes. (PATERNOSTRO, 2006)

Em 1956 foi lançado nos Estados Unidos um equipamento que revolucionou a forma de fazer TV, o *videotape* (VT), uma tecnologia caríssima que permitia a gravação dos programas.

O VT chegou ao Brasil em 1960, para a cobertura de um grande evento: a inauguração de Brasília. Por ficar longe do eixo Rio-São Paulo, era impossível transmitir a festa de inauguração ao vivo. A solução era gravar as imagens, enviá-las por avião e transmitir a cerimônia para os telespectadores das duas principais cidades. (AQUINO, 2010)

Estava instaurada a revolução do VT: operações atualizadas, racionalização da produção, economia de custo e de tempo, melhor qualidade nos programas. Nessa época, as primeiras máquinas de videotape tinham 2 metros de altura e pesavam quase 1 tonelada. As fitas de gravação tinham duas polegadas de largura. (PATERNOSTRO, 2006, p. 31)

O surgimento do *videotape* também ajudou na popularização da telenovela, o que fez aumentar a concorrência, entre as emissoras, pela audiência.

Em 1965, é inaugurada a TV Globo, criada pelo jornalista Roberto Marinho, que veio a tornar-se uma das mais importantes emissoras do mundo. No princípio, a programação da Rede Globo era voltada para programas populares e de entretenimento. Um ano depois, a criação da Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações – interligou o Brasil através de linhas micro-ondas e permitiu a estrutura necessária para as redes nacionais de televisão. (PATERNOSTRO, 2006)

Com o governo há a censura, e muitas TVs sofreram com as regras impostas pela ditadura. Algumas emissoras tiveram a concessão cassada, outras, com a Rede Globo, precisou se adaptar, tirando alguns programas do ar e criando outros. (PATERNOSTRO, 2006)

Com o fim da ditadura, chega ao fim também a primeira emissora do país, a TV Tupi. Nunca ficou muito claro o motivo, mas o que circulava na época era que as afiliadas possuíam muitas dívidas. “Em julho de 1980, chega ao fim a história da primeira emissora do país: por causa de problemas financeiros, a Rede Tupi de Televisão é cassada pelo governo” (PATERNOSTRO, 2006)

Nos anos 80, outras emissoras começaram a surgir como o SBT e a Rede Manchete. A concorrência entre as emissoras cresce cada vez mais e a busca pela liderança se torna acirrada.

2.2.3 Imagens do Dia: o telejornalismo no Brasil

O telejornalismo no Brasil chegou junto com a implantação da TV. Dois dias seguintes à estreia da TV Tupi Difusora, foi ao ar o primeiro programa de caráter jornalístico *Imagens do Dia*. Era um jornal com estilo radiofônico, com texto e reportagem de Rui Rezende.

Entrava no ar entre 21h30 e 22h, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e lia algumas notas com imagens em filme preto e branco e sem som. (PATERNOSTRO, 2006, p. 37).

O telejornal *Imagens do Dia* durou pouco mais de um ano e foi substituído por *Telenotícias Panair*, que durou apenas um ano.

O Brasil foi o quarto país a possuir uma emissora de TV e por isso, não havia para nós um modelo a seguir, já que funcionavam apenas três canais no mundo: na França, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Os produtores brasileiros não dominavam a técnica de edição de imagens simultaneamente ao som, por isso adaptaram a estrutura da TV ao único formato de programação que eles conheciam até então que era o rádio. Dessa forma, os técnicos adotaram uma forma onde a transmissão era feita quase que exclusivamente nos estúdios, com uma linguagem muito parecida com a do rádio: textos curtos e locução dramática. (BRASIL, 2012)

O primeiro telejornal de sucesso no país foi *O repórter Esso*, um programa proveniente do rádio, que estreou na TV Tupi em 1953 e permaneceu no ar por quase 20 anos. Nessa época da TV, os anunciantes compravam espaços e os programas recebiam o nome de seus anunciantes, por isso o nome do telejornal.

O Repórter Esso era dirigido e apresentado por Kalil Filho, enquadrado num plano americano, tinha 23 minutos de duração e era exibido no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Zona Norte de São Paulo. A abertura do noticiário ficou famosa: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história.” (PATERNOSTRO, 2006)

O estilo da apresentação das notícias era bem parecido com o do seu clone radiofônico: as notas deviam ter, no máximo 15 segundos, e tinham que vir sempre precedidas pelo local de origem. As frases somavam, no máximo, 30 palavras, e eram escritas em linguagem popular. (BRASIL, 2012, p.90)

Outros telejornais foram aparecendo, como o primeiro telejornal vespertino, *Edição Extra*, da TV Tupi de São Paulo, apresentada por Maurício Loureiro Gama e estreou a figura do repórter no vídeo. Em 1962 surgiu o *Jornal Vanguarda*, que começou na TV Excelsior,

mas passou por várias emissoras até 1968, quando foi retirado do ar pela censura. O Jornal Vanguarda se destacou por seu dinamismo, pois nele, havia vários locutores e comentaristas, que apresentavam os jornais juntos. Além disso, o programa rompeu com o telejornalismo tradicional, até então comum na época, para usar um tom mais coloquial.

No final da década de 60, o grupo Diários Associados começou a declinar e a TV Tupi passou a ter dificuldades em seguir o ritmo de desenvolvimento que estava acontecendo no meio televisivo. Por isso, em 1970, a emissora resolveu acabar com *O repórter Esso*, referência do jornalismo no Brasil, até o surgimento e consolidação do *Jornal Nacional*, na Rede Globo.

No fim da década de 60 foi lançado o telejornal de grande sucesso até os dias atuais – o Jornal Nacional. Mesmo não sendo o telejornal pioneiro no país, o JN, é considerado um divisor de águas no telejornalismo brasileiro. Foi ele que, a partir do sistema de micro-ondas instalado pela Embratel, que conseguiu projetar o telejornalismo a nível nacional. Além de ser o primeiro transmitir uma reportagem em cores, bem como, na incorporação de outros avanços tecnológicos de filmagem e edição que permitiram a criação de matérias mais dinâmicas e ágeis. O telejornal, ao contrário do *Repórter Esso*, abria a edição com notícias “quentes”, criando interesse no telespectador; alternava assuntos locais e internacionais, tentando variar entre as más notícias e assuntos mais leves.

A linguagem e todos os aspectos do Jornal Nacional foram guiados pelo modelo norte-americano de telejornalismo e se tornou padrão para praticamente todos os telejornais brasileiros.

Enquanto o *Repórter Esso* dava seus últimos suspiros na TV Tupi, a Rede Globo se consolidava, em 1970, atingindo um nível que apenas emissoras de países desenvolvidos haviam alcançado. Buscando audiência em todos os horários, a Globo começou a investir numa programação mais centralizada e estabeleceu o chamado “Padrão Globo de qualidade”. (BRASIL, 2012)

Segundo Brasil (2012) no início dos anos 80, o país possuía 113 emissoras e 20 milhões de televisores, com a Rede Globo imperando com 36 afiliadas. Apesar do fim da censura, essa década também ficou marcada pela cassação de concessões.

Em 1980 depois de atravessar um turbulento período de greve dos seus funcionários, a TV Tupi foi obrigada a interromper as suas transmissões por determinação do governo militar, que preferiu cassar as concessões dos canais da emissora a entregá-los a uma cooperativa de funcionários. (BRASIL, 2012, p. 96)

As concessões cassadas da Rede Tupi foram cedidas ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Rede Manchete.

Outros telejornais que começaram a surgir também marcaram essa época. O *Bom dia São Paulo*, que serviu de teste para o matinal Bom Dia Brasil, e tinha o caráter mais comunitário, de prestação de serviço, era exibido de segunda a sexta e contava com vários links com repórteres que informava tempo, trânsito, prestando um serviço ao telespectador.

O *TV Mulher* também marcou a época, sendo programa de caráter jornalístico totalmente voltado para mulher, debatia temas que normalmente não eram falados na televisão, como comportamento sexual e direitos da mulher.

Em setembro de 88 o SBT surpreendia a todos com um novo formato de telejornal, com *TJ Brasil*. Nele, em um modelo importado dos Estados Unidos, Boris Casoy, era o âncora que comentava e opinava sobre as notícias televisionadas com bastante irreverência conquistando assim o telespectador.

Já no começo da década de 90 o telejornalismo no Brasil passa por grandes transformações. É possível observar uma linguagem mais sofisticada, uso de cortes e técnicas que aproximam do estilo videoclipe, com notícias pequenas e rápidas. (TEMER, 2012)

Outro salto do SBT, e de contramão a tendência de um jornalismo mais sério, foi a estreia do programa *Aqui e Agora*, que com o seu sensacionalismo conquistou imediatamente seu público.

com o objetivo claro e definido de conquistar a audiência das classes C/D/E: sensacionalista, apelativo, recheado de reportagens policiais com ação, aventura, flagrantes, denúncias, violência e tensão. Em duas horas de programa, no horário nobre, antecedendo ao TJ Brasil, o SBT atraiu o telespectador com um “show de notícias”, e cresceu em audiência. (PATERNOSTRO, 2006, p. 39)

Com a concorrência cada vez maior, nessa década alguns telejornais decidem fazer pequenas mudanças técnicas e de conteúdo. Em 1996, por exemplo, a Central Globo de Jornalismo decide trocar os tradicionais apresentadores do Jornal Nacional, Sergio Chapelin e Cid Moreira, por William Bonner e Lilian Witte Fibe. A TV Manchete também muda seu telejornal adicionando novas vinhetas e cenário e colocando Marcos Hummel para apresentar notícias de esportes e policiais. (TEMER, 2012)

Na metade da década de noventa um novo aparelho já toma conta da maioria dos lares: o controle remoto, fazendo crescer mais ainda o hábito de ver TV. Já o vídeo cassete, que começa a se popularizar, torna-se mais um concorrente da televisão.

Em outubro de 96, estreia em canal fechado a Globo News, um canal de notícias 24 horas. É um marco, o advento da TV a Cabo começa e as televisões abertas precisam enfrentar esse obstáculo. Em 2001, surge o canal Bandnews, também com formato inovador.

Com isso, as emissoras passam a investir e atender a demanda de seu público. O telejornalismo de entretenimento foi inevitável. Além disso, os telejornais pouco a pouco abrem espaço para questões de política, violência e corrupção.

2.3 MEMÓRIA, HISTÓRIA E TELEJORNALISMO

A história não é uma ciência como as outras, ela é a ciência social que estuda o passado da humanidade. Por outro lado, a palavra também é usada para se referir ao período histórico que começa com o aparecimento da escritura e também para fazer referência ao próprio passado. Le Goff (2003) explica que desde seu surgimento, nas sociedades ocidentais, a ciência histórica se define em relação a uma realidade que se indaga ou testemunha, assim, ela começou como um relato.

O estudo da história implica três conceitos diferentes, mas que por vezes, podem causar confusão: a historiologia, onde se estuda a estrutura, leis e explicações de como acontece a realidade histórica; a historiografia, que é o relato da própria história, o ato de escrevê-la; e a história por si só, ou seja, o que aconteceu. Simplificando esta questão, pode-se dizer que a história corresponde aos feitos do passado, a historiografia é história da história e a historiologia, a sua epistemologia.

Convém destacar a Filosofia da História, que para Le Goff (2003) é uma reflexão crítica da prática historiográfica, ou seja, reflete sobre o significado da história humana. Esta disciplina analisa a possível existência de um desenho, um propósito ou uma finalidade no processo histórico.

Aqui é importante citar também a memória. Jacques Le Goff (2003) diz que o estudo dela “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”. Enquanto a História representa fatos distantes, a memória age sobre o que foi vivido.

A memória faz crescer a História, que a alimenta. É um elemento essencial que se pode chamar identidade, seja ela individual ou coletiva. Ela ainda procura salvar o passado de forma que sirva para o presente e o futuro. (LE GOFF, 2003)

O jornalismo ocupa lugar tanto na história quanto na memória:

Espaço vivo de produção da Atualidade, lugar de agendamento imediato, e igualmente lugar de memória, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica. E, nesse sentido, pode ser tão importante para a (re)construção histórica aquilo que se publica nos jornais e se diz no rádio e na TV, como aquilo que não se publica, que não se diz: o dito e o interdito. (PALACIOS, 2009, p.39)

Um estudo mais sistemático sobre o jornalismo no Brasil só veio acontecer na segunda metade do século XIX, com historiadores ligados ao Instituto Históricos e Geográficos (IHGs). Alguns autores promoveram, dentro de um paradigma tradicional, um amplo estudo sobre jornais, visando elaborar a história da imprensa no Brasil. Porém não se configurou uma linha de pesquisa continuada, foi uma historiografia que entrou em declínio após elaborar a origem da imprensa. (ROMANCINE, 2007)

É possível que o esgotamento do modelo dos IHGs tenha colaborado para a descontinuidade da historiografia tradicional: descritiva, relatorial, conologista e preocupada com o levantamento de documentação sobre e dos jornais. (ROMANCINE, 2007)

Em 1966 é publicada a *História da Imprensa no Brasil* mais influente até os dias de hoje, do autor Nelson Werneck Sodré, onde ele afirma que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista.”

Apesar do surgimento da TV em 1950, no Brasil, os estudos acadêmicos relacionados à ela e ao telejornalismo só foram intensificados a partir da década de 80, com o aumento dos cursos de pós-graduação e pela criação do Grupo de Trabalho Televisão, na INTERCOM. Segundo Sergio Mattos (2007), em 14 anos, de 1990 à 2014, uma grande quantidade de artigos foram produzidos, sem que tivéssemos a ideia exata da produção. Por isso é necessário procurar um meio para se resgatar e preserva-los, pois fazem parte de um dos alicerces do Campo da Comunicação do Brasil.

Com quase 70 anos, a história da TV no nosso país ainda possui alguns espaços em branco, que precisam ser resgatados para se entender em profundidade a evolução de um dos veículos de comunicação mais popular do Brasil. Para que isso aconteça é preciso que a TV seja estudada como parte do todo no qual está inserida: “Ela (a TV) precisa ser analisada como parte do processo de mudanças e permanências das estruturas econômicas, políticas e sociais do país e não como parte isolada.” (MATTOS, 2007, p. 38).

Assim como o desenvolvimento da política socioeconômica do país sofreu e sofre interferências das ideologias vigentes, a televisão sofre influencias das mudanças de contexto

que ocorre no mundo. O que se deve entender é como esses fatores, sejam eles internos ou externos, interferem no desenvolvimento histórico do veículo.

Há mais de 20 anos defendemos que para estudarmos e compreendermos qualquer veículo de comunicação no Brasil, principalmente a televisão, precisamos construir uma estrutura de análise, com uma abordagem histórica, dos meios de comunicação que leve em consideração o contexto socioeconômico, político e cultural, pois só assim poderemos compreender, plenamente, a evolução do veículo e suas variações, no tempo e no espaço, devido às influências internas e externas. (MATTOS, 2007, p. 40)

Para se fazer o resgate da memória e construção da história existem inúmeras fontes. Durante muito tempo, dentro da construção da história, os documentos oficiais, produzidas pelos governos, eram considerados fontes privilegiadas que garantiam maior cientificidade do estudo, devido à confiabilidade de onde eles vinham. Essa forma tradicional da história somente sofreu mudanças no século XX, onde ampliam-se os horizontes de estudo, de suas fontes e, apesar de ainda existir uma centralidade da documentação escrita e oficial, os historiadores começam a considerar outros documentos. (ROMANCINE, 2007)

Ainda segundo Richard Romancine (2007): “As fontes se ampliam e há também uma maior problematização sobre a natureza e validade das mesmas em relação às problemáticas.”

As biografias e autobiografias, cartas e diários são ótimas fontes para o resgate e construção da história.

Os depoimentos são uma fonte importante para a compreensão do passado do jornalismo numa diversidade de aspectos: sociais, culturais, econômicos, estéticos, tecnológicos, discursivos, editoriais e políticos. Mas não podem, obviamente, ser encarados como índices absolutos da verdade. (RIBEIRO, 2015)

O uso da história oral para o resgate da história da televisão poderá nos ajudar a compreender e levantar questões sobre a mídia televisiva que tanto influencia a população. Através da experiência de jornalistas que vivenciaram a implantação da TV, é possível entender, mas não como verdade absoluta, a época que vive hoje esse meio de comunicação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo que faz uso do estudo de caso para explorar e investigar o surgimento das emissoras de televisão na cidade de João Pessoa. A escolha do estudo qualitativo deve-se ao fato do seu aspecto descritivo e também pela participação do indivíduo entrevistado.

Para esse tipo de estudo, de maneira geral é utilizado entrevistas semi-abertas, que segundo Jorge Duarte (2005) é um tipo onde o entrevistador possui uma lista de questões-chaves que pode ser alterada e/ou adaptada no decorrer da conversa.

Nesta monografia optamos por entrevistar jornalistas que participaram de alguma forma da implantação de uma das quatro emissoras pesquisadas, apesar de que alguns deles participaram da estreia de mais de uma delas. Num primeiro momento, antes de partir para o campo, foi necessário utilizar o método da pesquisa bibliográfica para a contextualização do telejornalismo e da chegada da TV no Brasil. No que se refere as entrevistas, foram selecionados jornalistas que fizeram parte da fundação das TVs, porém muito deles não foram encontrados. No total sete foram entrevistados.

Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado. (DUARTE, 2002)

As entrevistas foram realizadas do dia 9 de abril à 7 de maio de 2016, na cidade de João Pessoa, no local escolhido pelo entrevistado. Cada entrevista teve a duração de aproximadamente 25 minutos, com exceção de uma que durou 1h10min. Elas foram baseadas num roteiro com questões-chaves contendo perguntas abertas, que garantiu flexibilidade a cerca do assunto. Para tanto, foram selecionadas cinco perguntas que abordaram desde o surgimento das emissoras até a questão de audiência. Algumas questões precisaram ser adaptadas devido a cada entrevistado falar da emissora da qual fez parte:

1. Como começou a trabalhar TV Cabo Branco/O Norte/ Tambaú/ Correio?
2. Qual era a sua função na TV?

3. Como foi a primeira transmissão?
4. Quais eram as dificuldades em relação à produção e tecnologia?
5. Havia preocupação com a audiência como há hoje?

Os jornalistas que responderam as questões foram Edilane Araújo (TV Cabo Branco), Aldo Schueler (TV Cabo Branco e TV Tambaú), Nelma Figueiredo (TV O Norte e TV Cabo Branco), Silvio Osias (TV Cabo Branco), Tony Show (TV Correio), Joanildo Mendes (TV Tambaú), Gilson Souto Maior (TV O Norte). As principais dificuldades encontradas foram encontrar algumas pessoas e ter acesso ao contato delas. As entrevistas foram todas feitas pessoalmente e gravadas com um gravador digital.

QUADRO 2 - RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

Entrevistado	Data	Local
Silvio Osias	09/04/2016	Sala de espera da TV Cabo Branco
Edilane Araújo	11/04/2016	Sala da entrevistada na Rádio Cabo Branco FM
Gilson Souto Maior	21/04/2016	Gráfica Estampa PB
Nelma Figueiredo	27/04/2016	Sala de espera da Rádio CBN
Aldo Schueler	02/05/2016	Estúdio TV Tambaú
Tony Show	04/05/2016	Produtora Tony Show
Joanildo Mendes	06/05/2016	Café no centro de João Pessoa

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Ao contrário de muitos Estados no Brasil, que teve sua primeira TV instalada na Capital, aqui na Paraíba foi diferente, pois foi a cidade de Campina Grande a primeira a receber uma emissora em 1966 por ordem Assis Chateaubriand. Nesta parte da pesquisa vamos fazer uma breve apresentação da primeira TV do Estado da Paraíba e fazer um levantamento sobre a história das quatro primeiras emissoras da Capital.

4.1 AS EMISSORAS

A TV Borborema era filiada da rede Tupi e fazia parte dos Diários Associados.⁵ A escolha pela cidade não teve nada de muito especial, Chatô apenas frequentava Campina Grande, que ficava no agreste do Estado, e já possuía uma emissora de rádio na cidade que tinha um público muito fiel.

Antes da inauguração de fato, da primeira TV do Estado, uma antena foi instalada em 1961, no prédio mais alto da cidade, o Edifício Rique, que na época era onde funcionava o Banco Industrial⁶ de Campina Grande.

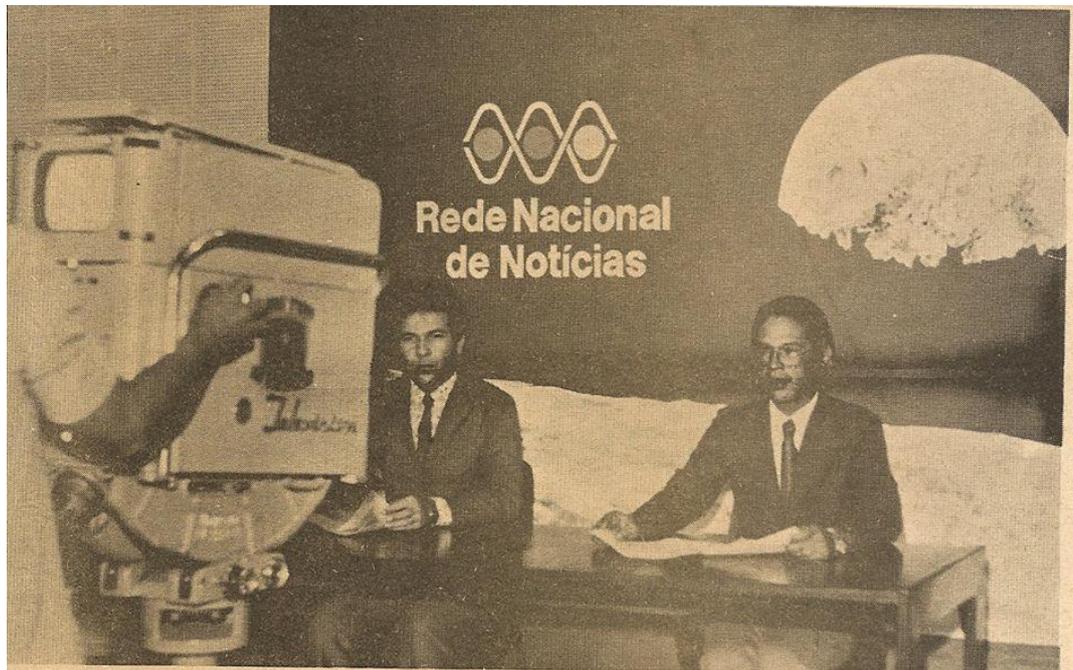
Após todo o processo de instalação, no ano de 1963 começaram os testes e a TV Borborema passou a entrar no ar de forma esporádica. Mas logo a partir do segundo semestre do mesmo ano, a TV começou a exibir programação fixa de duas horas, das 20h às 22h, no resto do dia a televisão saía do ar.

Ainda em 1963, quando Campina Grande se preparava para seu centenário no ano seguinte, a TV Borborema, para comemorar os 99 anos da cidade, fez a transmissão do desfile da cidade e de uma partida de futebol, no estádio Presidente Vargas, marcando assim a data 11 de outubro de 1963.

⁵ Conglomerado de empresas de mídia do Brasil fundada por Assis Chateaubriand em 1924. Chegou a ser a maior corporação de imprensa do país. Ver mais em: <http://www.diariosassociados.com.br/>

⁶ Banco Industrial de Campina Grande foi um banco fundado em 1927 em Campina e chegou a ser um dos mais importantes bancos do Brasil.

Figura 1 - Gilson Souto Maior e Temísthocles Maciel, TV Borborema (1974)



Fonte: Arquivo Pessoal, Gilson Souto Maior

No dia 14 de março de 1966 a TV Borborema entrou no ar definitivamente e oficialmente. Ela permaneceu como emissora da Rede Tupi até o mês de julho de 1980, quando a mesma foi extinta. Mas diferente de várias afiliadas a Rede, que foram cassadas por questões políticas e financeiras, a TV Borborema conseguiu se manter e integrou a Rede de Emissoras Independentes, liderada pela TV Record de São Paulo e TVS Rio de Janeiro.

Em seguida, a primeira televisão do Estado filiou-se a Rede Globo, permanecendo até o dia 31 de dezembro de 1986, quando perdeu a concessão para a TV Paraíba. Em 1987 tornou-se afiliada da Rede Manchete e em 1989 mudou para a SBT, onde permanece até hoje.

Durante a década de 70, no período militar, enquanto a TV Borborema seguia em Campina Grande, as outras emissoras que queriam se instalar no Estado encontraram dificuldades para conseguir a concessão. Por conta dessas dificuldades, em 77, a Globo Nordeste implanta transmissores em João Pessoa, que por isso só acompanha as notícias do estado de Pernambuco. A necessidade de uma emissora na Capital da Paraíba era urgente, mas as concessões só foram liberadas novamente na década seguinte.

Não se pode falar de televisão no Estado da Paraíba sem falar da TV Borborema que no dia 11 de outubro deste ano, 2016, completa 50 anos de história, uma data importante para um Estado relativamente pequeno. Hoje, ela pertence ao grupo Opinião de Comunicação,

pertencente ao empresário Cândido Pinheiro, que é também sócio majoritário da TV Manaíra em João Pessoa, afiliada da Rede Bandeirantes.

Para este trabalho, vamos saltar vinte anos de história entre a inauguração da TV Borborema em Campina Grande e a chegada da primeira emissora de TV em João Pessoa, a TV Cabo Branco. Vamos percorrer o início da TV pioneira na Capital, e seguir o caminho até as outras emissoras que vieram em seguida: a TV O Norte, a TV Tambaú e a TV Correio.

4.1.1 TV Cabo Branco

Duas décadas depois da inauguração da TV Borborema, dia 1^a de janeiro de 1987, João Pessoa tem a inauguração oficial da sua primeira emissora, a TV Cabo Branco, que aconteceu junto com sua co-irmã, a TV Paraíba, em Campina Grande.

A TV Cabo Branco está situada a Avenida Monsenhor Walfredo Leal, que fica bem no centro da cidade de João Pessoa, no bairro de Tambiá. Desde sua inauguração ela é filiada da Rede Globo e pertence à Rede Paraíba de Comunicação.

A emissora é responsável pelos seguintes telejornais: Bom Dia Paraíba, JPB 1^a Edição, JPB 2^a Edição, Paraíba Comunidade e Globo Esporte. Sua cobertura é feita no litoral e brejo paraibano. Desde 2013 ela transmite sua programação toda em *HD (High Definition)*.

Porém antes de chegar no dia da sua inauguração de fato, em 1987, a TV Cabo Branco percorreu um ano inteiro em caráter experimental. Ainda em 1985 um grupo de executivos começou a selecionar profissionais do próprio jornal impresso para fazer parte da equipe da emissora. Após selecioná-los, em 1986, uma espécie de base da TV foi montada no Hotel Tropicana, que ficava no centro da cidade e pertencia a um dos sócios da televisão, Antônio Cabral, enquanto a sede atual da empresa era construída. Nessa época houve alguns treinamentos com técnicos vindos do Sudeste e um estúdio improvisado foi montado no salão de convenções do hotel.

Segundo entrevistados, com algumas exceções, ninguém da equipe tinha experiência com televisão. Porém, ao contrário dos anos 50 quando a TV foi instalada no país e não havia modelo jornalístico para se copiar tendo um estilo muito mais radiofônico; a Cabo Branco tinha o padrão Globo a seguir. Já na questão técnica foi necessário muito treinamento e muitos dos profissionais contavam apenas com sua intuição e habilidade do fazer jornalístico:

João Pessoa não tinha nenhuma emissora de televisão, então as pessoas não tinham experiência, inclusive nós, que estávamos no comando da equipe, nós não tínhamos experiência nenhuma. Aprender fazendo. Quer dizer, a gente trouxe o saber jornalístico que cada um usava nos veículos onde trabalhava. (OSIAS, 2016). (Informação Verbal).⁷

Por essa falta de experiência, durante o ano de 1986 a equipe gravava vários pilotos: fazia telejornais, editava e avaliava. No segundo semestre do mesmo ano eles se mudaram para a sede da emissora, ainda em fase de construção, na Avenida Walfredo Leal, no bairro Tambiá. Nessa fase a Cabo Branco começou a entrar no ar em caráter experimental como repetidora da TV Bandeirantes durante um tempo.

Logo em seguida, de outubro à dezembro de 1986, eram apresentados dois jornais: Jogo Aberto, apresentado na hora do almoço por Edilane Araújo, posteriormente a primeira apresentadora do Jornal Cabo Branco 1ª Edição; e o Câmera 7, exibido a noite, era apresentado por Geraldo Oliveira, o primeiro apresentador do Jornal Cabo Branco 2ª Edição.

Figura 2 - Edilane Araújo apresentando o programa Jogo aberto em 1986

⁷ Entrevista concedida por OSIAS, Sílvio. Entrevista I. [abr. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.



Fonte: Arquivo pessoal, Edilane Araújo

Vários profissionais daquela época vinham do jornal impresso, da rádio ou até mesmo eram recém-formados do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Pessoas muito jovens e que não possuíam experiência alguma com televisão, mas ainda assim assumiram o desafio. Nomes como Wenerck Barreto, Sílvio Osias, Luís Carlos Sousa, Rejane Brandão, Edilane Araújo, Geraldo Oliveira, Gisa Veiga, Nana Garsez, José Vieira Neto, Saulo Moreno, Carla Almeida, Joanildo Mendes, Aldo Schueler e Nelma Figueredo, fazem parte dessa história.

A equipe de repórteres era grande, mas cada jornal tinha apenas um editor. A TV começou a operar na cidade exibindo quatro telejornais. O Globo Esporte e três edições do Jornal Cabo Branco - um ao meio dia apresentado por Edilane Araújo; outro as 7 da noite, apresentado por Geraldo Oliveira e outro por volta das 11h30 da noite, apresentado por Rejane Brandão, que um tempo depois foi retirado da grade de programação da Rede. O Bom

dia Paraíba era opcional para as afiliadas e só começou a ser exibido na Cabo Branco dois meses depois da inauguração. Um fato interessante é que João Pessoa começou a fazer o Bom dia Paraíba antes mesmo que muitas afiliadas pelo Brasil, à exemplo do Estado de Pernambuco.

Para o dia da estreia ficou decidido que os telejornais seriam gravados antes de irem ao ar, pois era uma orientação da Rede. Mas por conta de um problema na edição o primeiro jornal precisou entrar ao vivo, o que foi um marco para toda a equipe.

Desde a chegada da televisão Globo na Paraíba percebe-se sua influência na população. Em 1987 a preocupação com a audiência não era tão forte, visto que a única concorrente era a TV O Norte, na época afiliada da extinta Rede Manchete, e que não tinha o poder de penetração nos lares dos telespectadores que a Globo possuía. Hoje essa preocupação cresceu, não se pode negar que as demais emissoras tornou-se mais populares, por isso foi necessária mudanças por parte da TV Cabo Branco.

Apesar das regras por parte da Rede Globo não permitir que mulheres apresentassem o jornal da noite, com a saída do apresentador Geraldo Oliveira da 2ª edição do Jornal Cabo Branco, a emissora resolveu escalar Edilane Araújo para substituí-lo. Hoje a apresentadora está a mais de 20 anos apresentando o JPB 2ª Edição, sob o comando do editor Eisenhower Almeida.

(...) Não existia mulher apresentando o jornal da noite. Era uma regra da Rede. O homem era quem tinha que apresentar o jornal da noite, porque era mais sério, tinha mais credibilidade, essa coisa. E a gente sempre sofreu uma certa discriminação. (ARAÚJO, 2016). (Informação Verbal).⁸

Líder em audiência por muito tempo, a TV Cabo Branco precisou fazer mudanças nos seus telejornais para adaptar-se ao novo mercado com telejornais mais soltos e matérias mais comunitárias. Em 5 de agosto de 2010 a emissora mudou o cenário tornando-os mais amplos e coloridos e abdicou da bancada. As mudanças foram bem recebidas pelo público que aprovou a ideia.

4.1.2 TV O Norte

⁸ Entrevista concedida por ARAÚJO, Edilane. Entrevista II. [abr. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

Um edital de convocação foi lançado em 1986, no jornal impresso O Norte, onde recrutava jornalistas para testes na nova emissora que iria abrir na Capital. Vários estudantes, sem experiência alguma em televisão,⁹ se inscreveram e passaram pela seleção, como Nelma Figueiredo e Jonas Batista.

Após todo o processo operacional e de contratação a TV O Norte estreou no mesmo dia que a TV Cabo Branco, em 1987, como afiliada da Rede Manchete, num prédio que fica numa das avenidas mais movimentadas em João Pessoa, a Dom Pedro II. A emissora foi fundada pelo jornalista Marconi Góes e tinha como diretor de operações Haroldo Reis, vindo da Tupi do Rio de Janeiro, e que operacionalizou tudo.

A primeira equipe da fundação tinha como apresentadores Anchieta Filho, Gilson Souto Maior e Beth Menezes. Os repórteres eram Ana Márcia, Nelma Figueiredo, Jonas Batista, Gilson Renato, Wellington Sérgio e Selma Vidal.

Com um *teleprompter* caseiro (girado à manivela) e *script* em mãos, Gilson Souto Maior e Beth Menezes dividiram a bancada na estreia, às 19 horas, no jornal O Norte eletrônico.

Três meses depois a emissora passou a ser filiada da SBT. Nesse período a TV O Norte tornou-se a primeira emissora a fazer coberturas ao vivo de eventos como o carnaval, Miss Paraíba e desfiles de 7 de setembro. Em 1995, a televisão deixa o SBT, passa a integrar a Rede Record durante dois anos e volta para a Rede Manchete. Com o fechamento desta última, filiar-se a Rede Bandeirantes em fevereiro de 1998, onde está vinculada até hoje.

Durante os anos 90 os telejornais, antes apresentados, ficaram extintos e a TV passou a exibir outros programas mais voltados para o entretenimento, como *Status*, *Tânia Maia e Você* e *Super Jota Show*. Porém, em fevereiro de 2000, a emissora começou a trabalhar num projeto para tentar reimplantar o telejornalismo local. Por ser uma equipe muito pequena e com poucos equipamentos, eles tiveram a ideia de integrar a redação do telejornalismo com a do jornal impresso *O Norte*, que na época era um veículo bastante popular. A partir disso, em 14 de maio de 2001, o telejornal O Norte.com,¹⁰ tinha um repórter que entrava ao vivo da redação do impresso anunciando as principais manchetes do jornal do outro dia. Foi uma forma que a equipe encontrou de incrementar as vendas do O Norte. O formato, pioneiro na época, é muito parecido com o que acontece hoje na Rede Globo com o *G1 em Um minuto*.

⁹ Segundo pesquisas, o curso de comunicação da UFPB nessa mesma época era ainda muito deficitário em relação ao telejornalismo. Os alunos costumavam fazer visitas ao Espaço Cultural José Lins do Rêgo, onde havia um setor de televisão.

¹⁰ O nome surgiu diante o novo tempo que todos estavam vivendo com o advento da internet.

Nos domingos havia o programa *O Norte.com Especial*, apresentado por Joanildo Mendes, era um programa de entrevistas, onde vários políticos participavam.

Em 2009 a TV O Norte passa a se chamar TV Clube, com novos estúdios, programas e apresentadores. Em 2015, 57,5% das ações foram vendidas pelos Diários Associados, passando assim a pertencer ao Sistema Opinião de Comunicação.

No dia 10 de fevereiro de 2016, a TV Clube passou a ser chamada de Canal 10 PB, enquanto passava por nova reformulação e o público votava no novo nome da emissora numa enquete nas redes sociais. O nome escolhido foi TV Manaíra e no dia 14 de março do mesmo estreia a nova programação com novos programas e novos apresentadores.

4.1.3 TV Tambaú

Ao contrário de suas antecessoras, a TV Tambaú, inaugurada em 5 de agosto de 1991, já possuía profissionais com alguma experiência em TV, advindos das TV já inauguradas desde 1987.

A história desta emissora vem desde 1988, quando o grupo Marquise conseguiu a concessão do canal 5. Após a construção do prédio, na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, no qual está situada até hoje, a TV Tambaú entrou em caráter experimental em 1991 e teve sua inauguração oficial no mesmo ano, nos 406 anos da cidade de João Pessoa, como afiliada da Rede Manchete.

O primeiro jornal a entrar no ar foi o *Tambaú Notícias* às 7 da noite com apresentação de Luciane Loureiro e Lourimar Neto, ambos vindos da TV Potengi, do Rio Grande do Norte. Após a inauguração a emissora lançou vários outros programas, não só de cunho jornalístico, mas entretenimento também, sendo a TV de maior produção local do Estado.

Figura 3 - Aldo Schueler na apresentação do Tambaú Notícias



Fonte: Youtube ¹¹

Com um grande investimento da Rede Manchete, a Tambaú possuía equipamentos modernos para aquela época e conseguiu fazer a primeira transmissão nacional, ao vivo, do São João de Campina Grande, antes mesmo de completar um ano de aniversário. Uma equipe técnica conseguiu alugar uma antena parabólica na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, trouxe um técnico da Rede Manchete de São Paulo e comprou quase todos os canais da Telpa, companhia de telecomunicações, para fazer a transmissão. Uma equipe ficou de 15 a 30 dias fazendo esse trabalho em Campina Grande que marcou a história da emissora.

Além disso, a TV Tambaú já trabalhava com *links* ao vivo em seus telejornais e constantemente exibia matérias locais em rede nacional.

Porém, com toda a influência da Rede Globo, a TV Cabo Branco ainda saía na frente na audiência. Por isso, pensando em chamar a atenção das classes mais baixas, a TV Tambaú, lança em 1994 o telejornal policial *Caso de Polícia*. De forma descontraída, o apresentador conversa com o telespectador, mostra o criminoso e os repórteres até os entrevistam. É uma novidade na televisão da cidade. A audiência subiu e aumentaram os anunciantes.

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rU3Nn44FDao>>. Acessado em: 12 maio. 2016.

Com a crise da TV Manchete a TV Tambaú passa a procurar outra afiliada. Na mesma época o SBT vinha tendo problemas com a TV O Norte e rompe a filiação, passando a filiar-se a Tambaú.

A partir do dia 1º de julho de 1995 a emissora começa a transmitir o sinal do SBT, passando por um processo de transição que visou investir mais no jornal da noite e no do meio dia, consolidando assim a vice-liderança na região.

4.1.4 TV Correio

A TV Correio está situada na Avenida D. Pedro II, no Centro de João Pessoa. A emissora cresceu muito no Estado, principalmente por investir no jornalismo mais popular.¹² Hoje possui em sua grade programas tanto jornalísticos, quanto de entretenimento, como *Correio Manhã*, *Correio Verdade* e *Cidade Alerta*.

A emissora começou a operar na cidade ainda como repetidora, em 1986, no canal 13, sinal da Rede Manchete, quando fizeram a instalação da antena. Em 1991 a TV Correio mudou de afiliada, a Rede Bandeirantes e com planos de estreia no ano seguinte da sua programação local.

Diferente das outras emissoras que já estavam no ar, a TV Correio estreou no dia 1º de dezembro de 1992 com uma proposta diferente. Tony Show, radialista bastante popular do Sistema Correio, foi convidado para realizar um programa de auditório semanal, à exemplo do seu programa de rádio, e fazer a estreia da emissora.

O programa deu certo. As gravações eram feitas no Teatro de Arena, no Espaço Cultural, e anunciantes começaram a se interessar em divulgar seus produtos durante o programa com jingles muitas vezes criado pelo apresentador. Por conta do sucesso o programa, depois de alguns meses, passou a ser diário e ao vivo. Além disso, Tony Show, deixou de fazer apenas entretenimento e começou a se arriscar em quadros com viés jornalístico voltado para a comunidade. Esse formato de programa de televisão influenciou toda a história da TV Correio a seguir com um telejornalismo voltado para as comunidades.

Figura 4 – Apresentador Tony Show, TV Correio

¹² Aqui tido como um jornalismo voltado para as periferias, dando enfoque na editoria de cidade e policial.

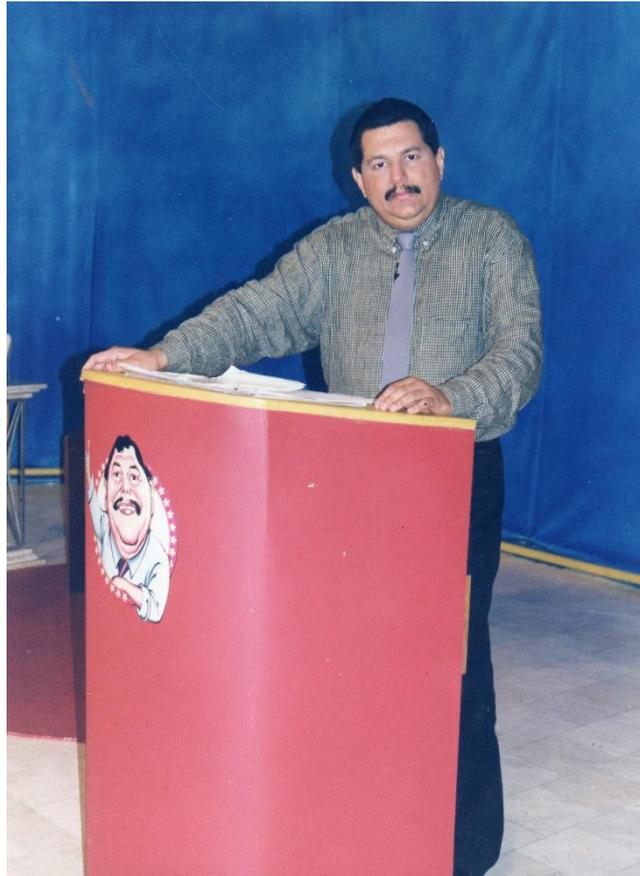


Foto: arquivo pessoal, Tony Show

Muitos municípios ainda não recebiam o sinal da TV Correio, por isso em 1996, foi instalada uma repetidora em Campina Grande, aumentando a potência do seu transmissor e a expansão de sinal para o interior, obrigando a TV mudar do canal 13 para o canal 12. No ano seguinte, a Correio passa a filiar-se a Rede Record onde permanece até hoje.

Um dos grandes marcos da TV Correio foi a estreia do programa *Correio Verdade* em 2003, programa policial apresentado por Samuka Duarte que se intitulava defensor da família. O programa caiu tanto no gosto do telespectador que durante muitos anos passou a ficar em primeiro lugar na audiência no horário do meio dia. Hoje, ainda no ar, o programa divide a audiência com o *JPB 1ª Edição*, da TV Cabo Branco.

A TV Correio foi uma das emissoras que mais cresceu aqui no Estado. A emissora, antes pequena, conseguiu expandir seus veículos e investiu em tecnologia. Em outubro de 2011, ainda em fase de teste, lança suas primeiras imagens no sistema digital. Algum tempo depois, no mesmo ano, ela inicia teste em caráter experimental do novo sinal de transmissão. No dia 22 e janeiro de 2013 sai na frente das concorrentes: é a primeira emissora paraibana a gerar e transmitir conteúdo HDTV.

4.2 AMBIÊNCIAS DO TELEJORNALISMO

Para compreender as mudanças ocorridas por todo o caminho percorrido pelo telejornalismo no Brasil desde 1950, quando a primeira emissora foi instalada no país, é preciso entender a ambiência das redações e da produção jornalística, ou seja, como o meio influenciou a televisão e vice-versa.

O que nós estamos chamando de ambiente do jornalismo, é, digamos assim, o seu grande entorno, tão bem descrito pelas teorias clássicas dos anos 1960. Essas teorias que falavam das rotinas, da divisão do trabalho, dos valores-notícias. Mudanças na ambiência de trabalho afetam largamente a divisão social de trabalho inerente ao mundo do jornalismo. (FAUSTO NETO, 2015)

Com o advento das tecnologias o telejornalismo vem sofrendo grandes mudanças. Desde o primeiro telejornal, com um estilo radiofônico, sem muita criatividade, é perceptível as mudanças na forma de se fazer jornal para televisão, independente da emissora. Na realidade daquela época eram os profissionais do rádio quem produzia e apresentava os telejornais.

A ambiência da produção jornalística era completamente diferente da que temos hoje em dia. Não havia distinção como há hoje nas redações: uma mesma pessoa poderia ser produtora, repórter, apresentador e editor. Além disso, não havia domínio da técnica de edição simultânea de imagem e som, as transmissões eram feitas quase exclusivamente nos estúdios e os textos eram curtos. (BRASIL, 2012)

Nos primeiros dez anos, poucas mudanças aconteceram na área além do aumento do número de televisores em relação aos que existiam na data de inauguração (PEREIRA, 2008), porém com a criação de outras emissoras e novas invenções tecnológicas, à exemplo do *videotape*, muitas coisas mudaram.

(...) Com o passar do tempo, os avanços tecnológicos (como o videoteipe e os satélites) associados à consolidação da TV como principal meio de informação e entretenimento no Brasil fizeram emergir a necessidade de constante reformulação da linguagem e do formato dos telejornais – que desempenham um papel central no conhecimento do mundo, por parte dos indivíduos, ao apresentarem as notícias diariamente de uma forma sistematizada e hierarquizada. (MAIA, 2011)

Quando a primeira emissora de televisão chegou a João Pessoa, a TV já possuía mais de 30 anos no país, ainda assim, havia muitas limitações. As máquinas de escrever dominavam as redações e os aparelhos utilizados para fazer telejornais eram verdadeiros monstros gigantes que ocupavam muito espaço e limitavam o trabalho.

Como não tinha teleprompter (TP) nós trabalhávamos no começo olhando para o script, mas poucos dias depois foi feito um TP improvisado pela equipe e nós passamos a ler pelo TP. Era um fabricado de forma caseira e tinha um cara que rodava a manivela o carretel que ia rodando e aí apareciam os textos num televisor pequeno. O começo foi difícil, a gente lia o texto quase sem olhar para o papel, ia quebrando o galho, todo mundo se saiu bem. Era uma equipe muito valente porque não era fácil fazer televisão no tempo onde a tecnologia não ajudava. (SOUTO MAIOR, 2016). (Informação Verbal).¹³

Regionalmente, os investimentos na televisão eram limitados e tudo absurdamente caro. Um único editor texto editava um telejornal relativamente grande e links ao vivo eram raridade, pois era necessário dias de planejamento e o evento deveria ser algo realmente relevante, visto que era um gasto muito dispendioso para a emissora. Além disso, tinha a questão dos repórteres não serem acostumados a fazerem esse tipo de transmissão. Foi preciso muitas adaptações e muito treino.

Para se fazer um ao vivo tinha toda aquela montagem de equipamento. Tinha que ser um evento, uma coisa planejada: uma posse de governador, um evento mesmo (...) chegávamos lá só para fazer, mas os técnicos, coitados, acho que chegavam lá três dias antes para montar tudo. (FIGUEREDO, 2016). (Informação Verbal).¹⁴

Além disso, por conta da falta de investimento, os repórteres também tinham dificuldades para executar matérias mais produzidas que demandavam tempo. Algumas vezes, a emissora desistia da pauta por falta de recurso.

Quando eu estava na TV Cabo Branco, a dificuldade era tão grande que para você ter uma ideia, a gente tinha uma cota de combustível para fazer matéria. Eu era repórter da noite, então sobrava para mim alguns litros de gasolina e a saída era fazer matérias ou na própria empresa ou no Clube Astréa, que

¹³ Entrevista concedida por SOUTO MAIOR, Gilson. Entrevista III. [abr. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (1h10min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

¹⁴ Entrevista concedida por FIGUEREDO, Nelma. Entrevista IV. [abr. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (25min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

ficava de frente e era aberto. Então matérias de esporte, a gente ia e fazia handball, basquete, vôlei, tudo na quadra do clube, pois era só atravessar a rua. (MENDES, 2016). (Informação Verbal)¹⁵

Além da questão técnica da dificuldade em fazer edição, dos preços absurdamente caros em se fazer *links* ao vivo, ainda havia a questão da notícia propriamente dita. A quem considere produzir notícias hoje, muito mais fácil que antigamente e de fato, há certa facilidade. As informações estão a distancia de um clique, uma ligação rápida e mais barata, aplicativos e smartphones que permite rapidez na apuração. Tudo está na internet, mas obviamente a rede não substitui a necessidade, muitas vezes, do produtor ou repórter ir *in loco*.

Na época em que as TVs foram fundadas na cidade de João Pessoa os repórteres passavam muito mais tempo na rua a procura de notícias. Era complicado, o telejornalismo ainda era muito dependente das agências de notícias e se pautava pelo impresso. A maior fonte de consulta eram as manchetes do impresso. Tudo muito menos imediato como é hoje.

Era tudo muito improvisado, até porque hoje a gente brinca sempre, nós que somos da equipe antecedeu a internet, que hoje é tudo muito mais fácil pra produção: recorrem ao google, recorrem aos portais, tem um campo muito mais amplo para pensar pauta. E antes a gente era mais assim na rua mesmo. (FIGUEIREDO, 2016). (Informação Verbal).

No que diz respeito as notícias, nos dados coletados durante a pesquisa os entrevistados relataram que apesar das mudanças ocorridas durante esses quase trinta anos de história, elas continuam sendo a mesmas, o que mudou foi a realidade. Para eles, os telejornais naquela época buscavam por notícias políticas, culturais, econômicas e até mesmo policiais, tanto quanto hoje. Mas ressalva está nas notícias policiais.

(A notícia) É a mesma coisa que é hoje, mas com uma feição diferente. O tempo passa e as coisas se transformam muito. Política, economia, polícia, cidade e comunidade, embora sem chamar jornalismo comunitário, tínhamos cultura, lazer... Tudo igual, mas numa realidade diferente. (OSIAS, 2016). (Informação Verbal)

De fato, tem se percebido que com o passar do tempo, as notícias tornaram-se mais policialescas, de forma negativa. PACHECO (2005) ressalta que o jornalismo policial praticado vem sendo cada vez mais sensacionalistas, sem se importar com o problema de fato:

¹⁵ Entrevista concedida por MENDES, Joaílido. Entrevista V. [maio. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (25min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

As cenas que mancham de sangue a televisão, as fotos em jornais e revistas, e a narração de episódios chocantes pelo rádio são estratégias para causar impacto e chamar a atenção para o fato que está ocorrendo, isso tudo, sem buscar as soluções para os problemas, que é o mais importante, pensando-se na ação social dos meios de comunicação, que deveriam estar comprometidos com o desenvolvimento da sociedade e o fortalecimento da cidadania. (PACHECO, 2005)

Por fim, hoje podemos ver a realidade a nossa volta sendo contada através dos olhos de vários profissionais que estão por trás do telejornalismo. As redações mudaram, estão bastante hierarquizadas, definidas e cada vez mais modernas. Foi possível perceber durante cada entrevista com os profissionais que ainda atuam na área, de que a visão deles não mudou muito durante esses 30 anos. No geral, segundo eles, com exceção da crescente busca pela audiência e das novas tecnologias, pouca coisa mudou na forma de se fazer telejornalismo. Para eles claramente há uma nova roupagem, novas linguagens, mas ainda assim é o mesmo.

4.3 AUDIÊNCIA: ONTEM E HOJE

A audiência é uma corrida sem fim para as emissoras de televisão. Está na frente não significa somente que o programa é melhor, mas sim anunciantes e inevitavelmente as TVs precisam deles para continuar no ar.

Essa busca pelo público vem de muito tempo. Alguns autores destacam que a chegada da TV a cores foi o suficiente para conquistar de vez o coração dos telespectadores. As imagens coloridas trouxeram a eles a sensação de que o se passava no aparelho televisor poderia ser real.

As cores, o quarto elemento a caracterizar a mídia televisão, foi o último a chegar. Mas proporcionou uma revolução. Agora era necessário preparar a pele dos apresentadores, dos atores, das atrizes para a iluminação artificial dos estúdios. E as cores aplicadas aos cenários, que harmonizavam-se entre si. Os figurinos também precisaram ser repensados e testados. A cor trouxe vida e realidade às transmissões de TV. (ABREU E SILVA, 2012)

Quando estreou no primeiro dia do ano de 1987, a TV Cabo Branco já possuía um telespectador fiel. Ainda que fosse sua primeira transmissão em caráter definitivo e as pessoas em casa nunca tivessem assistido àquela programação, a influência que a Rede Globo possuía nacionalmente refletiu na sua filiada em João Pessoa.

Quando a TV Cabo Branco entrou no ar, aqui não tinha Globo local, mas já existia uma audiência já vinda do Rio de Janeiro, do Suldeste do país. A

Rede Globo pra você ter uma ideia, o JPB 2ª Edição, ele atingia 82 pontos de audiência, era um negocio fantástico, a gente nem acreditava. (SCHUELER, 2016). (Informação Verbal)¹⁶

Durante a pesquisa foi detectado que a TV Cabo Branco, na época de sua estreia sua concorrência era imbatível. Pessoas que tinham o costume de assistir ao Jornal Nacional, por exemplo, com a chegada da TV local, esperavam ele começar assistindo a segunda edição do JPB. Os pontos de audiência chegavam a 80% e sem qualquer disputa, ela se mantinha a líder.

Com o surgimento das outras TVs não houve preocupação inicial, mas o mercado trouxe novos desafios e novas ideias. A TV Tambaú, terceira emissora a inaugurar, investiu num formato de telejornal completamente diferente e fora do padrão Globo, o Caso de Polícia. A ideia vinha desde o jornal exibido nacionalmente pela SBT, Aqui e Agora, em 1991, onde eram exibidas manchetes escandalosas e reportagens policiais, com o repórter muitas vezes inserido no local do crime de tal forma, que corriam riscos de morte.

Olhe, na realidade a TV Cabo Branco, agora começou a querer se popularizar mais, exatamente por conta da audiência. É uma coisa que vem desde Aqui e Agora, que começou essa coisa policialesca, de baixar o nível da televisão. A gente foi obrigado, de certa forma, a enveredar por isso, a montar um programa como o Caso de polícia, que existe até hoje. (...) sem audiência nós não somos nada e aí não vende. Na época a Cabo Branco tinha 70% da fatia do bolo e qual foi a saída? Popularizar! E popularizar o povo começa a assistir e a audiência começou a subir. A da Cabo Branco começou a baixar, os anúncios começaram a surgir para a gente. Chegou um ponto que não tinha onde anunciar, tinha que ter até merchandising no programa. (MENDES, 2016). (Informação Verbal).

A proposta deu certo, nele o apresentador olhava diretamente para câmera e conversando com o telespectador. Mostrava sua indignação e representava a opinião das classes mais baixas. O povo sentiu-se representado e se identificava com a raiva que o apresentador sentia ao noticiar um homicídio ou assalto.

Sem dúvida nenhuma foi um choque para uma emissora que era até então líder de audiência e pouco investia em factuais e notícias policiais.

A audiência passou a ser uma preocupação, mas ainda assim, de acordo com alguns entrevistados, houve resistência por parte da afiliada. O padrão Globo não permitia mudanças na forma de apresentar e de falar. A bancada era o lugar do apresentador e a forma fria e distante que davam a notícia era a forma que a Rede fazia jornalismo desde seu surgimento.

¹⁶ Entrevista concedida por SCHUELER, Aldo. Entrevista VI. [maio. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (25min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

Porém, durante o decorrer dos anos foi percebido que a TV com um perfil mais popular caiu no gosto do povo. O telejornalismo percebeu que buscar notícias mais comunitárias dá audiência porque o povo se sente representado. Então como a televisão chega com facilidade a todas as comunidades, dirigir-se para elas faz com que eles tenham prazer em assistir o telejornal e tornar-se um telespectador assíduo.

Antes todo mundo aceitava aquela condição de liderança imbatível da Globo, mas houve um momento que o mercado foi ganhando novos desafios... essa linha policial, por exemplo, a Globo resistiu, ou é essa a impressão que a gente tem, a resistência de se render a isso. Aí depois foi se adaptando por perceber o interesse do público nisso. Porque por mais que a gente não queira, dá audiência o sangue, o policial, as cenas chocantes. (FIGUEIREDO, 2016). (Informação Verbal).

Em 2003 outro programa surgiu, levando a audiência de todas as emissoras da cidade, o Correio Verdade, no horário do meio dia, apresentado por Samuka Duarte, que se auto intitula o defensor da família. Nele, Samuka não tem bancada, passeia pelo estúdio, conversa com o telespectador e se indigna constantemente com os crimes, muito parecido com o formato dos telejornais policiais até então. Porém, a desempenho do apresentador faz toda diferença e ele conquista o público de tal forma, representa tão bem as periferias, que a alta na audiência foi inevitável.

O programa está no ar até hoje, é um concorrente direto da TV Cabo Branco e por muitos anos passou na frente da afiliada Globo.

Então, apesar da resistência foi necessária mudança por parte da Cabo Branco. Ela abdicou de sua bancada, os textos se tornaram mais coloquiais, investiram nas notícias policiais, mas de forma mais amena do que as outras televisões e passaram a exibir quadros de apoio a comunidade, que concerta buracos, esgotos e resolve problemas no geral.

As mudanças que eu percebo são de linguagem. Antes o texto tinha que ser muito correto. Não tinha nada muito coloquial. Era correto e limpo. Hoje você tem que falar mais ou menos como uma pessoa fala, sem se ater muito as regras. Mas é o que digo: se eu não tivesse essa capacidade de me adaptar, eu não estaria tanto tempo, porque foram muitas transformações: linguagem, linguagem corporal – uma coisa é você está o tempo todo numa bancada, tendo o conforto de está ali sentada, e depois “jogaram” o apresentador em pé. Para muita gente não funciona, tem gente hoje que terem tirado a bancada matou o apresentador, por que ele não consegue se colocar em pé com uma postura, até física mesmo. Em pé o telespectador observa tudo, o sapato a roupa inteira. Então se você não se coloca bem, a sua apresentação fica comprometida. (ARAÚJO, 2016). (Informação Verbal).

Percebe-se na pesquisa quê jornalistas que fazem parte da TV Cabo Branco defendem não haver mais o padrão Globo e que a TV é voltada para a comunidade. Porém, outros jornalistas que já passaram pela afiliada aqui no Estado reforçam que apesar das grandes mudanças, da tentativa de se tornar popular, a Cabo Branco mantém um resquício de superioridade do padrão Globo que não é fácil deixar de lado.

Porque a televisão Cabo Branco e Paraíba (que são Globo) são muito, não sei se devo usar esse termo, mas taciturnas, muito fechadas, muito sérias demais. Até os seus apresentadores se acham, digamos assim, sem querer magoar, donos de tudo, os melhores. Talvez eles nem pensem assim, mas é o jeito não é?! Existe muita preocupação com a plasticidade de cada um. O pessoal anda tão arrumado que até uma vez eu observei que um dos apresentadores de uma das emissoras da Globo estava com as sobrancelhas tão bem feitas, dignas de um rosto feminino. Então quer dizer, a preocupação com a plasticidade do pessoal da Globo é muito interessante. (SOUTO MAIOR, 2016). (Informação Verbal).

Parece que a TV Cabo Branco e a própria Rede Globo, permanecem com um resquício do jornalismo padronizado de outrora, mas ainda assim é indiscutível as mudanças que eles fizeram e vem fazendo em seus telejornais para se aproximar do público e não perder audiência para as outras emissoras mais abertas e mais suscetíveis a quebra de padrões.

Desde a veiculação do primeiro telejornal brasileiro, as modificações, advindas com o tempo, são naturais e perceptíveis em todos os noticiários, independente de emissora. Afinal, à medida que a sociedade evolui, acaba por impor, também, a mutação de bens, serviços e entretenimento. Na atualidade, a ordem nas redações é romper paradigmas por muitos anos cultivados, mas que têm se revelado ineficientes na conquista do telespectador. Modelos que por muito tempo eram propagados de geração em geração de telejornalistas têm sido deixados de lado a fim de dar lugar à experimentação, ao novo. (MAIA, 2011)

É perceptível que em 30 anos a busca pela audiência está cada vez mais acirrada e para consegui-la é necessária mudanças constante dos programas jornalísticos. Porém é preciso atenção na hora de manter a qualidade e a ética das reportagens e do telejornal como um todo, para assim então conquistar a confiança do seu público.

4.4.A PRIMEIRA VEZ...

Era quase meio dia e tudo estava indo nos conformes para entrar no ar a primeira emissora de TV na cidade de João Pessoa. A equipe vinha trabalhando há meses para esse

grande dia. Foram dias e mais dias de gravações e edições para que tudo saísse perfeito. Um pouco antes de entrar no ar, a apresentadora, Edilane Araújo, foi avisada: o jornal seria ao vivo. Foi uma confusão. Um problema causado na edição, tão próximo da hora do jornal, tornou inviável o telejornal entrar gravado. È possível apenas imaginar o tamanho da apreensão de todos. Era o dia da estreia, tudo teria que ser perfeito e a tensão pairava na sede da emissora.

A equipe toda se preparou e a de colocar o Jornal da Cabo Branco no ar chegou. Apesar dos imprevistos, Edilane Araújo entrou na casa dos telespectadores pontualmente, ao vivo e sem erros. A estreia foi um sucesso e a equipe comemorou.

No dia 1º de janeiro eu ia apresentar esse jornal gravado, porque era o primeiro, era a nossa estreia. Era estreia da TV toda, das equipes, dos editores, todo mundo. Era gravado para não correr risco e a rede orientava que fosse assim. Só que um editor apagou uma matéria, aos 45 do segundo tempo e simplesmente chegou dizendo que não vai poder ser gravado, vai ter que ser ao vivo. Me deu uma agonia... Eu ainda sofria muito, passei um bom tempo trabalhando muito em mim esse nervosismo de entrar no ar, que hoje eu entro “vai entrar em 1 minuto” e já estou pronta, nem leio o jornal. (...) Então no primeiro dia foi assim, ao vivo para todos. Foi o primeiro jornal da rede apresentado por mim e todo mundo estreando ao vivo também, a operação toda, o câmara, o diretor de corte e aí foi um chororo danado. Mas a partir daí disseram “vamos fazer ao vivo tudo. (ARAÚJO, 2016). (Informação Verbal).

Mas tarde, por volta das 7 da noite, outra TV faz a sua primeira transmissão também. A TV O Norte entrou no ar a primeira vez com seu telejornal O Norte Eletrônico, sob a apresentação de Gilson Souto Maior, que vinha da TV Borborema de Campina Grande e Beth Menezes, que era da rádio FM. Ao contrário da estreia da TV Cabo Branco, a O Norte não teve imprevistos para lidar, mas todos obviamente estavam muito apreensivos. Gilson Souto, já era um apresentador experiente, algumas pessoas da equipe também, mas para maioria era a estreia na carreira também. É fácil supor o tamanho do nervosismo de todos. Mas no fim o jornal foi ao ar sem grandes erros e muita comemoração foi feita.

O primeiro dia para mim na TV O Norte não me causou medo por que eu já vinha de uma experiência na TV Borborema. Me causou emoção porque estava vivendo um novo momento da minha vida profissional e sendo o primeiro noticiário daquela emissora ao lado da minha querida amiga Beth Menezes, que estava inclusive dando o pontapé inicial na sua carreira como apresentadora de televisão. Nós apresentávamos O Norte Eletrônico, às 19 horas e foi uma grande emoção abrir a programação da emissora que estava começando. Aquele dia foi interessante porque eu estava comovido com a oportunidade, outros estavam com medo porque era o primeiro momento, outros ainda com medo também porque era o jornal que estava

entrando no ar; e como não tinha teleprompter (TP) nós trabalhávamos no começo olhando para o script (...) O começo foi difícil, a gente lia o texto quase sem olhar para o papel, ia quebrando o galho, todo mundo se saiu bem. Era uma equipe muito valente porque não era fácil fazer televisão no tempo onde a tecnologia não ajudava. (SOUTO MAIOR, 2016). (Informação Verbal).

No aniversário de João Pessoa em 1991 a TV Tambaú estreou apresentando reportagens sobre a cidade, no telejornal Tambaú Notícias, as 7 da noite. A apresentação fora feita por Luciane Loureiro e Lourimar Neto que já eram experientes devido ao trabalho que fizeram numa TV em Natal. Quando estreou a TV Tambaú tornou-se a TV mais moderna de João Pessoa. Ela possuía equipamentos avançados e sua equipe era composta por pessoas que já tinham tido contato com o telejornalismo, por isso, sua estreia foi exatamente como a equipe havia planejado, sem erros, sem surpresas. Um telejornal redondo, ao vivo, como se já estivesse no ar por muito tempo.

A primeira transmissão foi perfeita. Foi uma festa. A gente abriu champanhe quando terminou. Foi uma maravilha, tudo redondinho, tudo no lugar. Uma coisa assim... Parecia que a equipe estava já trabalhando a muito tempo juntos. Depois outros percalços aconteceram, normal porque é televisão ao vivo. Mas a primeira não, foi um filho que nasceu sabe?! Perfeito. (MENDES, 2016). (Informação Verbal)

Por fim, a TV Correio estreou. Foi no primeiro dia de dezembro de 1992 e não foi um telejornal que entrou no ar. A TV estreou com uma proposta diferente e naquele dia, o programa Tony Show foi ao ar pela primeira vez. Era gravado, por isso, sem surpresas ou imprevistos. Talvez a surpresa tenha surgido na casa do telespectador que até então nunca tinha visto um programa local popular e de auditório. Era uma novidade e chamou a atenção. Tony show apostou naquilo que nenhuma emissora na cidade ainda tinha feito, apesar de telejornais no Brasil afora já ter um pouco esse perfil. O programa foi um sucesso tão grande, que após algum tempo passou a ser diário e ao vivo.

Eu fui o primeiro comunicador de rádio a ir para a televisão a fazer a primeira transmissão ao vivo de um programa de entretenimento popular e de auditório. Era semanal, que passou depois a ser diário. Isso na TV Correio, eu fiz a primeira transmissão da TV (...)

Era uma loucura o que a gente fazia, mais sei que fez sucesso e aí queriam que fosse diário e ao vivo. Comecei então a fazer. Mas aí mudou o formato, era completamente diferente, mas continuava com música, porque eu sempre trabalhei com shows. E aí eu comecei a ter um programa mais dinâmico, nele tinha o problema dos bairros, tinha para resolver problemas de saúde; eu

trabalhava para o povo. Tinha a sala do povo, era bem mesclado, até hoje eu não consegui encontrar nada parecido. (Show, 2016). (Informação Verbal)¹⁷

Alguns desses programas não existem mais, como Tony Show, por exemplo, que depois de mais de 20 anos na televisão, voltou para a rádio. Já o telejornal Cabo Branco, que agora se chama JPB, ainda continua indo ao ar de segunda a sábado, sempre ao meio dia. O Tambaú Notícias também permanece firme no ar na TV Tambaú. Na O Norte muitas coisas mudaram desde sua fundação e o seu primeiro telejornal foi extinto.

¹⁷ Entrevista concedida por SHOW, Tony. Entrevista V. [maio. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (25min.). A entrevista na íntegra encontra-se em transcrita no Apêndice A desta monografia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já foi dito anteriormente quão importante é para nós, seres humanos, o resgate da memória. É ela que ajuda a construir a nossa identidade, seja coletiva ou não. Buscar a memória de meios de comunicação nos oferece entendimento acerca da construção da sociedade e suas influências. A TV, meio de comunicação que conquistou pessoas pelo mundo todo, é peça fundamental na construção do perfil da sociedade brasileira, visto que ela formou e informou milhares de brasileiro até os dias de hoje.

Diante do que foi exposto nesta pesquisa o telejornalismo passou por grandes transformações, desde a exibição de Imagens do Dia, o primeiro telejornal. Não somente tecnológicas, mas também de conteúdo. Por isso, se faz tão necessário esse recorte histórico da televisão na Capital da Paraíba, para que nos ajude a compreender o que acontece hoje.

Percebeu-se durante a pesquisa que muito se tem escrito sobre a televisão no Brasil, mas ao voltar-se para recortes mais regionais, existem grandes lacunas que ainda precisam ser preenchidas entre o passado e o presente.

A partir de análises das entrevistas feitas a profissionais que participaram de alguma forma da implantação das emissoras aqui na cidade foi percebido que mesmo com a televisão no país desde os anos 50, muito pouco havia evoluído e tudo continuava sendo muito limitado. Não só na questão tecnológica, mas na forma de se ter acesso a notícia. Verificou-se também a preferência da audiência pela Globo no início, visto que a primeira emissora a chegar aqui era afiliada da Rede e que essa hegemonia só conseguiu ser quebrada com a popularização dos programas policiais.

Como foi dito anteriormente, as emissoras passaram por grandes transformações e com as TVs locais não foram diferente. Por exemplo, a TV Tambaú que resolveu investir em um programa policial, no estilo do Aqui e Agora, para tentar conquistar seu telespectador e conseguir uma fatia da audiência da TV Cabo Branco. Essa por sua vez, precisou ceder aos seus padrões e investir num telejornalismo mais dinâmico e coloquial que o aproxima-se do público.

O maior desafio dessa pesquisa foi conseguir fontes que estivessem dispostos a falar abertamente. Muitos jornalistas não responderam o contato feito ou disseram sem tempo para participar. Outra dificuldade encontrada foi que alguns dos jornalistas entrevistados, por ainda trabalharem em televisão, se sentiram desconfortáveis em fazer algumas comparações ou serem mais críticos em suas respostas. Por dependerem apenas de suas próprias lembranças alguns fatos foram difíceis de serem lembrados por eles.

Esta pesquisa fortalece a história das primeiras emissoras em João Pessoa, mas mostra que ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Com a chegada do aniversário dos 50 anos da televisão na Paraíba e dos 30 anos em João Pessoa faz-se necessário refletir sobre a falta de materiais historiográficos sobre o nosso telejornalismo, que é tão rico.

Uma possível solução para o aumento das pesquisas nessa área e maior interesse dos estudantes de jornalismo pelo resgate da memória seria a inserção de uma disciplina no curso de jornalismo que despertasse os alunos para a importância da história, e até mesmo mais seminários ou fóruns paraibanos que abordem a temática histórica.

A contribuição do presente trabalho é refletir sobre quão importante é a história do nosso telejornalismo que há quase trinta anos vem contribuindo para formação e informação do Estado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer; DA SILVA, Rodolfo Sgorla. **História e Tecnologias da Televisão**. Covilhã: Universidade. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf> acesso em: 7 de março de 2016

AQUINO, Agda. **De Chatô à TV digital**: apontamentos históricos sobre televisão e telejornalismo na Paraíba. In: I Encontro de História da Mídia do Nordeste. Natal/RN : Editora UFRN, 2010. v. 1.

BRASIL, Antonio. **Telejornalismo imaginário**: memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV. Editora Insular, 2012.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas 1 (2005): 62-83.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> acesso em: 3 de março de 2016

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MAIA, Alice Silva Corrêa. **O telejornalismo no Brasil na atualidade**: em busca do telespectador. São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf> acesso em: 10 de março de 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. Hacker Editores, 2000.

MATTOS, Sérgio. **O resgate da memória**. Comunicação plural, p. 33, 2007.

MEDITSCH, E. B. V. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** In: Hohlfeldt, Antonio; Gobbi, Maria Cristina.(orgs) Teoria da Comunicação. Antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2009.

MEMÓRIA GLOBO, disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/formato.htm> acesso em: dia 1º de Março de 2016.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**: a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NETO, Antonio Fausto. **Jornalismo**: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização. ÂNCORA-Revista Latino-americana de Jornalismo, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/download/24692/13485 acesso em: 10 de Maio de 2016.

- PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo policial responsável**. Concórdia, SC, 2005.
Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pacheco-alex-jornalismo-policial-responsavel.pdf>
acesso em: 27 de abril de 2016
- PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória: Jornalismo, Contexto e História**. 2009. In: I Congresso Internacional de Ciberperiodismo y Web.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- PEREIRA, Livia Cirne de Azevedo. **Os avanços tecnológicos no telejornalismo brasileiro: de 1950 à era digital**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-12, 2008.
- ROMANCINI, Richard. **História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa**. IAGo, Cláudia; Machado, Márcia Benetti (org). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis RJ: editora vozes, p. 23-47, 2007.
- ROSSI, Clóvis. **Que é jornalismo**. In: Coleção primeiros passos. Brasiliense, 1985.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil**. Comunicação e Mercado, v. 1, p. 8-23, 2012.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2012.
- VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação, 2002.

APENDICÊ A

ENTREVISTA I – SÍLVIO OSIAS

Eu era da União, eu era chefe de reportagem da União na época, em 85, e o superintendente da União na época, era um executivo chamado Aluisio Moura, já tinha passado por vários veículos, ele estava ligado ao grupo que estava aligado a TV Cabo Branco. E ele foi o executivo encarregado disso, então ele foi o primeiro superintendente da TV Cabo Branco. Naquela época a TV não pertencia ainda ao grupo São Braz, e como eu trabalhava com ele, eu era uma pessoa que estava na equipe, com ele, num cargo de chefia, ele então me convidou para participar desse grupo, do grupo de jornalistas que iam colocar a TV no ar. Foi assim que eu vim.

Quando ele formou um pequeno grupo de comando, do qual eu fazia parte, aí nós saímos (da União) pra formar a equipe, todos do impresso. Na época tinha essa coisa aqui... João Pessoa não tinha nenhuma emissora de televisão, então as pessoas não tinham experiência, inclusive nós, que estávamos no comando da equipe, nós não tínhamos experiência nenhuma. Aprender fazendo. Quer dizer, a gente trouxe o saber jornalístico que cada um usava nos veículos onde trabalhava.

Esse prédio (atual prédio da TV Cabo Branco) estava em construção e o hotel Tropicana, que era um hotel que tinha no centro da cidade, perto da Câmara Municipal, o dono dele, Antônio Cabral, empresário já falecido, era um dos sócios da TV, fazia parte do grupo de acionistas da TV e ele permitiu a instalação de um núcleo de treinamento dentro do hotel. O hotel tinha um pequeno salão de convenções e a gente transformou aquilo num estúdio improvisado. Então, ali a gente com equipamentos, ainda muito pequenos, e com pessoas, ai sim, que vieram de fora – pessoas da área técnica, da área operacional – iniciamos os treinamentos, a gente fazia pilotos, fazia telejornais, gravava, editava, avaliava...

Foi um processo ao longo de todo ano de 86, certo? Aí, por volta do segundo semestre de 86 a gente já veio pra cá (atual cede da TV Cabo Branco). O prédio onde fica a TV estava em construção e essa parte menor de trás, que hoje é ocupada pelas rádios, um prédio bem menor, foi onde funcionou a TV. Isso, enquanto o prédio principal ia sendo construído.

A equipe era formada por Erialdo Pereira, já está aposentado, mora em Campina Grande, era o editor chefe. Rubens de Abreu era o chefe de reportagem, esse cara é de Brasília, não tenho notícias dele. Os repórteres eram: Gisa Veiga, Nana Garsez, José Vieira Neto, Saulo Moreno, Carla Almeida, que está na Globo Nordeste, Joanildo Mendes. Logo depois veio Nelma Figueredo, mas a TV já estava no ar. Os apresentadores eram Aldo Schueler, Edilane Araújo. Eu era editor, e também uma espécie de chefe de redação, mas na

realidade só fui efetivado como chefe de redação um pouco depois. Mas a rigor desde o início eu tinha essa função.

A gente tinha uma equipe de repórteres grande, a gente tinha talvez, seis ou sete repórteres, era muita gente. Mas a gente tinha poucos editores. Eu era editor do jornal da noite, Wenerck Barreto, era editor do primeira edição, hoje está aposentado, Luís Carlos Sousa, que hoje está no Jornal Correio, era editor do 3ª edição, que existia na época, depois a Globo tirou do ar, e depois foi editar o Bom dia. Tinha um cara chamado José Luís, que editava o Bom dia, era do Rio. Então cada programa na realidade só tinha um editor, como hoje o 2ª edição só tem um editor, mas é um jornal menor.

No começo fazíamos o Bom dia, o primeira Edição, O Globo Esporte, Segunda edição e terceira edição. Começamos com todos, menos o bom dia, que só veio 2 meses depois. O Bom dia era optativo na época, pra você ter uma ideia, nós aqui da Paraíba, fizemos o Bom dia antes de Pernambuco fazer.

A gente teve uma fase experimental, entre outubro e dezembro de 86, nós fizemos uma programação em caráter experimental com o sinal da Band. Na época nós não chamávamos Band ainda, era rede Bandeirantes. O canal 7 era repetidor da Bandeirantes, então, nesse período, enquanto ele não entrava com o sinal de caráter definitivo da TV Cabo Branco, ele entrou em caráter experimental, aí nós ficamos com a programação de rede da Bandeirantes.

Nesse período experimental fazíamos dois jornais. A gente fazia um programa na hora do almoço chamado Jogo Aberto, que era um programa de notícias, mas também de entrevistas e tal e era apresentado por Edilane. E tinha o jornal da noite que se chamava câmara 7, apresentado por Geraldo Oliveira. Ela primeira apresentadora do jornal do meio dia, na estreia e ele do das 7 horas.

A preocupação com a audiência era menor porque não tinha outras emissoras. A TV O Norte entrou logo depois, mas não tinha a força que a Globo tinha, então essa história de audiência passou a ser uma preocupação nossa lá na frente, anos mais tarde.

A estreia para mim foi tão normal. A gente teve uma fase legal de treinamento, porque a gente ficou 3 meses no ar. Então assim, alguns sufocos a gente passou nessa fase, quando entrou no ar a gente entrou mais tranquilo. Agora, a gente fazia jornal gravado, passou a fazer ao vivo, isso deu uma certa tensão, mas normal. Edilane que conta, mas eu não estava aqui... dia 1º era feriado, eu vim fazer o segunda edição, mas o primeira edição, que foi o primeiro a ir ao ar, portanto ela apresentou e teve um sufoco, mas eu não tinha chegado ainda. Mas sinceramente, sem minimizar o fato, foi simples. Acho que se comparar com o que se faz hoje ou com o que já se faz a muito tempo, deve ser uma diferença estúpida, claro, as coisas

mudaram muito, a linguagem mudou, o jeito de fazer mudou. Hoje é tudo mais informal, naquela época vigorava aquele velho Padrão Globo de qualidade, que hoje continua existindo, mas com grandes transformações. Tinha umas coisas muito engessadas no jeito de fazer aquilo ali e, claro, a gente estava aprendendo.

A notícia era mesma coisa que é hoje, mas com uma feição diferente. O tempo passa e as coisas se transformam muito. Política, economia, polícia, cidade e comunidade, embora sem chamar jornalismo comunitário, tínhamos cultura, lazer... Tudo igual, mas numa realidade diferente, afinal nós não tínhamos tido nem a primeira eleição ainda para presidente, porque a primeira eleição foi em 89, mas aí já era um presidente civil. A gente estava em plena assembleia nacional Constituinte, aí veio a Constituição de 88, quer dizer, o país respirava os ares da redemocratização e nós da imprensa respirávamos novos ares porque a gente vinha de um período com o controle muito mais rígido da informação e o jeito de tratar a notícia. O cenário era esse, mas tem coisas que eu acho que são permanentes: eu me lembro muito do Uniglobo que a gente fez no final dos anos 90 e aí faziam as dinâmicas de grupo e aí disseram “vamos fazer uma imersão, como será a televisão daqui a dez anos”. Isso foi em 99, já faz quase vinte anos, então eu me lembro de vez em quando dessa história porque eu vejo a TV hoje e, claro que eu reconheço que muita coisa mudou, mas no fundo tem uma coisa da essência que se mantém. Não mudou tanto. Essa é a percepção que tenho.

APENDICÊ A

ENTREVISTA II – EDILANE ARAÚJO

Eu queria ser arquiteta, ou engenheira, e aí arranjei um estágio na Caixa Econômica e enlouqueci pelo mundo das agências bancárias que era a profissão do sonho de todo mundo na época. E eu enlouqueci e queria trabalhar nisso, gostei da experiência e fiz vestibular para Economia, mesmo não tendo visto nada dessa área na escola técnica. Passei e cursei uma parte e foi quando comecei no teatro, conheci um amigo que fazia. O teatro me levou a passar em frente a uma emissora de rádio e passar na frente me fez entrar para divulgar um espetáculo, eu e o grupo. Nessa emissora abriu um teste e eles me chamaram pra fazer. Acharam que minha voz era boa, não tinha muita locutora FM aqui, estava começando também, as rádios eram AM. As FM eram gravadas por locutores de Recife.

Fiz esse teste, não ia fazer. Mas a turma ficou insistindo, e eu pensava “vou lá trabalhar em rádio”, mas fiz o teste sem pretensão. Fui reprovada. Me disseram que eu não tinha voz para FM, mas depois me chamaram de volta porque convenceram ao diretor artístico que eu era uma pessoa da terra, era jovem e poderia ser trabalhada. Se não tinha a voz que ele pretendia, pelo menos eu tive o desempenho razoável. Aí me chamaram de volta e eu disse que não ia, porque eu não queria mesmo trabalhar em rádio, mas aí a turma me convenceu a ir novamente. Fiquei fazendo um treinamento lá e fui contratada. Isso foi na Arapuã em 1984, foi quando eu comecei.

Da rádio eu comecei a fazer comercial para a televisão, que também era gravado aqui, mas editado em Recife, já que não tinha emissora. Eu me tornei garota propaganda Arlindo Cabral, vendendo móveis. Eu ainda estava no curso de economia, mas meu sonho de ser bancária já estava um pouco de lado. Daí apareceu teste para a TV que ia abrir e disseram “vamos chamar a moça que é locutora e faz comercial”. O teste foi feito no Hotel Tropicana, que era do mesmo dono da TV, e eu fui fazer o teste. Fiz e fui aprovada. Fui escalada para fazer o jornal do meio dia.

Eu entrei como apresentadora, porque eu não era jornalista. Eles estavam querendo apresentadores, porque os repórteres já pegavam do curso, já formados. E aí a gente começou em 86 tudo, em caráter experimental, na Bandeirantes. Eu fazia um programa ao meio dia junto com Rejane Brandão, Jogo Aberto. Íamos começar entrar como afiliada Globo em 1º de Janeiro de 87 e nisso me escalaram para fazer o Jornal da Paraíba, 1ª Edição, acho que era essa o nome, não tenho certeza, mas sei que não era JPB. Aí tinha o primeira edição –

inicialmente não tinha o Bom dia – o segunda edição e o terceira edição. Primeira edição era eu, segunda era Geraldo Oliveira e terceira era Rejane.

No dia 1º de janeiro eu ia apresentar esse jornal gravado, porque era o primeiro, era a nossa estreia. Era estreia da TV toda, das equipes, dos editores, todo mundo. Era gravado para não correr risco e a rede orientava que fosse assim. Só que um editor apagou uma matéria e aos 45 do segundo tempo e simplesmente chegou dizendo que não vai poder ser gravado, vai ter que ser ao vivo. Me deu uma agonia, eu ainda sofria muito, passei um bom tempo trabalhando muito em mim esse nervosismo de entrar no ar, que hoje eu entro “vai entrar em 1 minuto” e já estou pronta, nem leio o jornal. Eu não leio, tenho esse hábito péssimo, por que sempre fui acostumada com Silvio Osias que tem um texto perfeito, então eu nem lia. Como eu tenho muito costume de ler, exercício de mais de 30 anos, eu leio o que colocar para mim e costume não errar, pelo exercício da leitura em voz alta, que só se adquire com a prática. Já confio no meu taco, tendo um texto limpo, o que mandar pra mim eu leio, sem dificuldade nenhuma.

Então no primeiro dia foi assim, ao vivo para todos. Foi o primeiro jornal da rede apresentado por mim e todo mundo estreando ao vivo também, a operação toda, o câmara, o diretor de corte e aí foi um chororo danado. Mas a partir daí disseram “vamos fazer ao vivo tudo”.

O primeira edição era uma coisa mais leve... Num era assim, não cabia essa quantidade de quadros, que hoje você tem. Mas era um apanhado de tudo, tinha a parte do policial também. O jornal englobava tudo.

Agora, não existia apresentação em pé, era bancada. Assim como não existia mulher apresentando o jornal da noite. Era uma regra da rede, o homem era quem tinha que apresentar o jornal da noite, porque era mais sério, tinha mais credibilidade, essa coisa. E a gente sempre sofreu uma certa discriminação. No rádio, por exemplo, eu brigava muito com isso... Na hora de gravar comercial, porque mulher só gravava motel, loja de crianças? Eu ficava batendo nas agencias quando vinham com comercial pra mim eu perguntava “porque só gravo isso? Porque não tem um documentário pra mim?”

Bem, mas na TV a rede permaneceu com isso muito tempo, a exemplo de Cid Moreira e Chapelin. Aqui começou a ser feminino antes do Jornal Nacional.

Geraldo Oliveira foi embora em 88 ou 89, para o Ceará. Aldo Schuler ainda ficou um tempo apresentando o segunda edição, porque não podia mulher, até acharem uma solução. Só que estava uma overdose de Aldo Schuler. Aldo fazia o bom dia, fazia o esporte e se faltasse um ficava Aldo fazendo tudo... e nessa história resolveram colocar Edilane. Pronto. E

me colocaram e disseram, vamos permanecer e não podia. Mas aí foram empurrando, foram deixando e pronto... 20 e tantos anos.

Nos 20 anos do JPB comecei a fazer reportagem. Eisenhower, editor, teve a ideia de me colocar fazendo o JPB especial de 20 anos, eu apresentava com Siqueira, erámos os dois apresentadores dos 20 anos e ele resolveu dar esse choque ao telespectador de me colocar na rua, como uma repórter. Foi um momento muito interessante, porque as pessoas não estão acostumadas a me ver na rua e eu sou uma pessoa que não circula muito. Era muito engraçado, porque eu parava no Ponto de Cem Réis pra gravar uma passagem as pessoas me paravam, se juntavam em volta para ver a mulher do jornal ao vivo. É diferente dos repórteres que já tem esse contato na rua.

Depois desse projeto fiquei fazendo algumas coisas na rua, mas eu sinto que a rua não é o meu lugar mesmo.

Sobre mudanças não houve muitas... aliás, as mudanças que eu percebo são de linguagem, antes o texto tinha que ser muito correto. Não tinha nada muito coloquial. Era correto e limpo. Hoje você tem que falar mais ou menos como uma pessoa fala, sem se ater muito as regras. Mas é o que digo: se eu não tivesse essa capacidade de me adaptar, eu não estaria tanto tempo, porque foram muitas transformações: linguagem, linguagem corporal – uma coisa é você está o tempo todo numa bancada, tendo o conforto de está ali sentada, e depois “jogaram” o apresentador em pé. Para muita gente não funciona, tem gente hoje que terem tirado a bancada matou o apresentador, por que ele não consegue se colocar em pé com uma postura, até física mesmo. Em pé o telespectador observa tudo, o sapato a roupa inteira. Então se você não se coloca bem, a sua apresentação fica comprometida. Por isso, sempre tive cuidado em estar em forma.

APENDICÊ A

ENTREVISTA III – GILSON SOUTO MAIOR

A história da TV na Paraíba começa exatamente no dia 14 de março 1966, eu digo em caráter definitivo, porque antes desta data a TV Borborema já entrou no ar em caráter experimental em 1963 e seus equipamentos técnicos começaram a chegar à Campina Grande em 1961. Eu era garoto e lembro quando morava em Campina Grande que 1961, começava a instalação da torre da televisão Borborema, na época naquele que era o edifício mais alto da cidade. Hoje a cidade está cheia de edifícios, mas na época o edifício mais alto era o edifício Rick, inclusive onde também funcionava o famoso banco industrial de Campina Grande, que projetou até internacionalmente a cidade porque tinha uma filial em Nova York. Então a TV Borborema foi colocada ali. Instalaram a antena em cima do prédio e está lá até hoje.

Como eu disse, em 63, começaram os testes e a TV Borborema começou então a entrar no ar de forma esporádica, logo no começo do ano. Mas a partir do segundo semestre, a partir de julho de 63 já com uma programação com duração de duas horas, das 8h às 10h da noite. Um programa esportivo, filmes de aventura, filmes curtos... Nos resto do tempo ela saía do ar.

Em outubro de 1963, quando Campina Grande já completava 99 anos e se preparava para seu centenário, que foi em 64, a TV Borborema começou a trabalhar essa data. Tanto que dia 11 de outubro de 63, 99 anos de Campina, a TV já fez a transmissão de um desfile marcando o aniversário da cidade e transmitiu também uma partida de futebol, no estádio Presidente Vargas.

Antes de chegar na inauguração definitiva da TV Borborema, quando ela entrou no ar oficialmente, eu diria que a instalação dela em Campina Grande historicamente é muito interessante. Muita gente pergunta “por que em Campina, por que não instalou na Capital?” Primeiro, o seguinte, não tem esse negócio de ser Capital ou ser cidade, todas são do mesmo jeito. Apenas Campina Grande era uma cidade importante como é hoje e naquela época tinha uma importância muito grande no cenário internacional porque era uma cidade que era tida como a Liverpool brasileira. Campina Grande nos anos 50 o algodão tomava conta da economia da cidade. Assim Chateaubriand também tinha um certo carinho pela cidade, mas ele também era muito sabido. Ele estava colocando a TV em Campina Grande porque já existia uma emissora que pertencia ele que era a rádio Borborema que foi fundada em 1949. Ele era um homem com uma visão empresarial muito grande. Então ele gostava da cidade e também tinha um tio, Dr. Chatô, um médico com o mesmo nome dele. Na década de 50, ia

sempre a Campina e também quando criança ia muito a cidade. Então esse aspecto precisa ser explicado “por que não na Capital?”. Por ele já tinha uma emissora lá, tinha amizades lá, é claro que ele iria chegar a João Pessoa como chegou. Ele adquiriu o jornal O Norte, passou para os Diários Associados.

A TV Borborema em 2016 está vivendo uma data marcante em sua vida porque é de 50 anos da televisão na Paraíba e ela é a primeira, a pioneira. Ela foi a razão de tudo. Muita gente que está ainda hoje no mercado, inclusive eu, passou por lá. Eu trabalhei nos Diários Associados, como diretor de programação da rádio Borborema, na rádio Cariri e na TV Borborema e fui apresentador nela, de 1970 a 1972. Vivi muito aquela história dos Diários Associados.

Não se pode falar de televisão na Paraíba sem falar de Campina Grande, da TV Borborema, que ainda hoje é muito forte. A TV Borborema pertence ao grupo Opinião de comunicação. Esse grupo é sócio majoritário da TV Manaíra. Então é o seguinte: hoje ela tem a programação de SBT, lá em Campina, enquanto que a co-irmã dela aqui em João Pessoa não tem, é da Rede Bandeirantes. TV Manaíra que foi O Norte, que foi TV Clube e agora é Manaíra, porque a direção atual resolveu homenagear algo que se identificasse mais com a cidade, como Cabo Branco, Tambaú, ficando muito melhor. Embora eu achava até interessante que tivesse mantido por questões históricas o nome que eu queria que nunca tivessem tirado da TV O Norte, que foi fundada em 1987, logo no primeiro dia de Janeiro.

A TV O Norte entrou no ar exatamente no primeiro dia do ano de 1987. Inclusive, entrou nas mãos de um cara chamado Haroldo Reis diretor que era diretor de operações, trabalhou na Tupi do Rio e que entendia muito de televisão e operacionalizou todo aquele início. Eu diria que naquela zero hora do dia primeiro, lá estava, naquele prédio que ainda hoje existe, ali ao lado do antigo Jornal O Norte, um menino chamado Joaquim Schuler, que hoje atua na TV Assembleia comigo e também trabalhou na equipe da TV Câmara Municipal. Um cara hoje muito experiente. Além de lembrar Haroldo Reis e Joaquim Schuler também devemos lembrar de Maria Reis; Abelardo Jurema, bem jovem, que era o diretor Superintendente; Marconi Góis que era diretor dos Associados e diretor presidente da emissora; Eu e Beth Menezes fomos os primeiros noticiários; Beth estava saindo das emissoras de FM, era locutora, com aquele jeito carioquinha dela. Também fazia parte da equipe Anchieta Filho, Silvio Carlos, que também era noticiário, Baby Neves, Gilson Renato e outros nomes que me fogem. Fico muito feliz de ter vivido esse momento.

A história da TV em João Pessoa é portanto 20 anos depois da chegada da TV Borborema em Campina Grande. Aqui a entrada no ar, na verdade não foi da Cabo Branco em

87. A TV Cabo Branco entrou antes, em agosto de 86, ela entrou retransmitindo a programação da TV Bandeirantes, pegando sinal da TV Jornal do Comércio. Ela tinha como presidente Milton Cabral, ex-governador, e o irmão Antônio Cabral. Os sócios minoritários eram os integrantes da equipe da indústria da São Braz, José Carlos, os filhos e o genro.

O pessoal de Campina estava para inaugurar no dia 1ª de janeiro de 87, a TV Paraíba, onde acontecia justamente o contrário, os sócios majoritários era o grupo São Braz. Mas antes de chegar o dia da inauguração, o grupo São Braz comprou o controle acionário da TV Cabo Branco e comprou também o restante das ações minoritárias da TV Paraíba e tomou conta de tudo. Então no primeiro dia de 87, ao entrar no ar em Campina Grande a TV Paraíba e a Cabo Branco na Capital, já entravam com o sinal da Globo.

Daí vimos a televisão Globo na Paraíba tendo uma influência muito forte. Não se pode negar que as demais emissoras paraibanas são mais popularescas. A TV Borborema, a TV Manaíra, a TV Arapuã, Tambaú, Correio, são emissoras que tem excelente programação, mas com públicos diferentes, a gente nota que o direcionamento da programação dessas emissoras é mais popular, o que não as impede (e eu presto muita atenção nisso) de serem excelentes no que fazem, no sentido jornalístico propriamente dito. Acho interessante, acho até que é bom que seja diferente mesmo. Porque a televisão Cabo Branco e Paraíba (que são Globo) são muito, não sei se devo usar esse termo, mas taciturnas, muito fechadas, muito sérias demais. Até os seus apresentadores se acham, digamos assim, sem querer magoar, donos de tudo, os melhores. Talvez eles nem pensem assim, mas é o jeito não é?! Existe muita preocupação com a plasticidade de cada um. O pessoal anda tão arrumado que até uma vez eu observei que um dos apresentadores de uma das emissoras da Globo estava com as sobrancelhas tão bem feitas, dignas de um rosto feminino. Então quer dizer, a preocupação com a plasticidade d o pessoal da Globo é muito interessante.

Então continuando, tivemos a luta pelo surgimento da TV Correio, que começou aqui como repetidora. O pessoal da Correio pensava numa televisão, mas não tinha a emissora de televisão e eles então colocaram uma antena bem grande lá em cima no prédio alto e começaram a transmitir uma programação. Começaram com Manchete, depois passou para a Bandeirantes, houve várias mudanças, mas a verdade é que o sonho do grupo Correio (ainda não era sistema), era essa emissora, que veio e hoje é um sucesso. Hoje a TV Correio não faz parte somente daquele grupo, hoje ela é um Sistema, que cresceu espantosamente se nós olharmos bem. Em termos de rádio, a própria televisão, ela deixou de ser uma emissora só localizada em João Pessoa para se expandir para a área metropolitana e hoje é o Estado todo. Transmite vias links, satélite e pela internet. Quer dizer, ela modernizou-se, então é o tipo da

empresa que acho interessante. O Sistema tem também a RCTV, o canal fechado, que para mim entrou mais no ar para fazer um contraponto com as outras emissoras, dedicando-se a um, digamos, jornalismo no aspecto mais em busca daquela audiência da sociedade, do populismo, com a política, mas é muito interessante. Acho que o caminho dela é ser canal aberto também, porque fechado nem todo mundo pode pagar.

A TV Arapuã é uma TV muito popularesca, valoriza muito os programas locais, mas eu acho que é até popular demais. Às vezes até exagera, muito planfetária... Acho até que o exagero no jornalismo pra algumas pessoas é importante; pra mim não, o jornalismo é importante quando feito com muito cuidado. Tem uma crítica aqui, apenas não concordo muito com o estilo jornalístico deles, mas respeito também.

A TV Tambaú, foi aquela que chegou logo depois da Cabo Branco.

Eu diria a você que a televisão na Paraíba está vivendo uma data importante, 50 anos de história em 2016. É uma data importante para um Estado pequeno, que hoje conta com tantas emissoras de televisão e me ocorre neste momento é uma preocupação. É a falta de cuidado com os profissionais que fazem jornalismo dentro dessas emissoras. Existe uma forma muito sutil e às vezes deselegante e desonesta de se tratar os profissionais. Às vezes eles são descartados pura e simplesmente por conta até da idade. As pessoas acham porque o cara ficou velho ficou burro. Não ficou burro não, a gente precisa mesclar o novo e o velho, para que tenhamos a balança funcionando com perfeição. Eu acho que a presença dos mais idosos, mais experientes juntos dos novos é um ingrediente para que se possa ter um jornalismo de forma mais correta. Até porque os mais velhos vão se afastar um dia, mas eles ensinam aos mais jovens, eles mostram as suas experiências. Aqui não, basta o apresentador ficar com cabelo branco que já é descartado por um outro, isso aqui na Paraíba, que pra mim é um Estado provinciano. Se você olhar no Sudeste ou Sul você vai ver um careca lendo o noticiário, ou alguém bem mais velho que eu lendo as notícias como Boris Casoy, Chapelen apresentando o Globo repórter com quase 80 anos. Quer dizer, vamos acabar com isso, é preciso que se prestigiem os jovens, por sinal luto por isso como professor de comunicação, mas é preciso haver respeito aos profissionais mais antigos. Não é achar que mudança é rejuvenescer por completo uma emissora, não. Tanto não é assim que a TV Manaíra pegou uma menina que é experiente, mas é jovem ainda, Rejane Negreiros. Mas têm emissoras aqui que tem essa mania de achar que o bonitinho é o melhor e não é bem assim. O bonitinho só é bom quando sai da televisão bem feitinho.

Então os 50 anos da TV deve ser visto por esse aspecto da valorização dos bons profissionais, independentemente se é bonito, se é velho, se é novo, isso não interessa. As

demonstrações aí fora têm mostrado que a mescla é importante, de jornalistas experientes com jornalistas mais jovens, porque os mais jovens são aqueles que vão crescer no trabalho do dia-a-dia e serão os velhos de amanhã. Eles têm que está prontos para tomar conta porque os mais velhos vão se afastando aos poucos e definitivamente.

O primeiro dia para mim na TV O Norte não me causou medo por que eu já vinha de uma experiência na TV Borborema. Me causou emoção porque estava vivendo um novo momento da minha vida profissional e sendo o primeiro noticiarista daquela emissora ao lado da minha querida amiga Beth Menezes, que estava inclusive dando o pontapé inicial na sua carreira como apresentadora de televisão. Nós apresentávamos O Norte Eletrônico, às 19horas e foi uma grande emoção abrir a programação da emissora que estava começando. A TV O Norte foi marcante pra mim por conta dos amigos que fiz e pela minha continuidade do trabalho de 16 anos nos Diários Associados. Aquele dia foi interessante porque eu estava comovido com a oportunidade, outros estavam com medo porque era o primeiro momento, outros ainda com medo porque era o jornal que estava entrando no ar; e como não tinha teleprompter (TP) nós trabalhávamos no começo olhando para o script, mas poucos dias depois foi feito um TP improvisado pela equipe e nós passamos a ler pelo TP. Era um fabricado de forma caseira e tinha um cara que rodava a manivela o carretel que ia rodando e aí apareciam os textos num televisor pequeno. O começo foi difícil, a gente lia o texto quase sem olhar para o papel, ia quebrando o galho, todo mundo se saiu bem. Era uma equipe muito valente porque não era fácil fazer televisão no tempo onde a tecnologia não ajudava.

Naquele tempo a preocupação nossa era muito com o jornalismo, nós tínhamos muitos programas locais, mas eram programas mais sérios. Na verdade a preocupação maior era com o bom jornalismo, com o oferecimento da boa notícia, a preocupação nossa era “vamos dar primeiro o assunto do que a outra televisão”. Nós lutávamos por isso, fazer bem e bem feito, chegar primeiro, o chamado furo, a factualidade aflorava as nossas peles. O cuidado de chegar primeiro com o fato. Eu fui o tipo de jornalista que nunca se preocupou em chegar primeiro, eu sempre me preocupei, tanto em rádio como televisão ,em fazer uma boa notícia em dar a informação com todos os seus pormenores, sem tirar nem acrescentar. Eu acho que notícia boa é aquela verdadeira, aquela correta, aquela que atende plenamente o que pede o lead. A gente respondendo de forma honestas as perguntas do lead, quem assistir não vai querer saber quem deu primeiro, quer saber a notícia.

O telejornalismo hoje ele busca a notícia mais comunitária porque ele sabe que é o povo quem dá audiência. Então como a televisão chega com facilidade a todas as comunidades, o jornalismo mais dirigido para essas comunidades tem um valor enorme por

que o público comunitário com certeza tem o prazer de saber que a comunidade dele está sendo divulgada, que os problemas da rua dele estão sendo divulgado, que aqueles meios de comunicação estão interessados no problema deles. Porque se o poder público não estiver, mas a imprensa que é firme e forte, e sempre será forte, estará defendendo os interesses do povo. Nada melhor do que uma imprensa que defende os interesses do povo e os programas comunitários, direcionados mais para esse público tem uma audiência enorme. Primeiro por que interessa aos outros que não são da periferia, para saber o que está acontecendo lá e interessa para quem mora lá porque muitas vezes eles são esquecidos e nós da imprensa temos obrigação de lembrar.

APENDICÊ A

ENTREVISTA IV – NELMA FIGUEIREDO

Eu comecei na TV O Norte. Eu me formei em 86 na UFPB e um ano depois eu entrei na TV O Norte quando ela era ainda SBT. Fiquei alguns meses lá ai fui convidada pela TV Cabo Branco. Logo após uns 3 a 4 meses de estreia, eu fui para a TV Cabo Branco.

Comecei como repórter e fiquei 6 anos ai comecei as saídas: da Cabo Branco fui para a Tambaú, da Tambaú voltei para a Cabo Branco, da Cabo Branco voltei para o Norte, na época que já era Band e a gente foi reimplantar o jornalismo, a produção local que eles estavam sem, a gente fez um projeto de reinício do jornalismo local e fiquei quase 5 anos lá, ai depois saí e fui para a Correio. Voltei para O Norte e fiquei intercalando entre as duas um tempo. Nisso, eu somo 28 anos de TV, passando por quase todas TVs locais, todas as abertas, só não passei pelas fechadas.

A maioria das pessoas que entraram junto comigo na O Norte eram recém-formados assim como eu, estávamos chegando ao mercado de trabalho. Eles colocaram o edital de convocação no próprio O Norte impresso, receberam currículos de todo o Nordeste e fizeram uma seleção e foram eliminando fazendo teste de áudio, teste de vídeo e no fim selecionaram 50 e fizeram testes mais precisos e nós estreamos... acho que eramos 5 repórteres. Do que hoje ainda estão atuando tem eu e Jonas Batista, que hoje está na Correio como repórter e apresentador e a maioria, dessa turma inicial, uns abandonaram o jornalismo, outros estão fora. Selma Vidal, por exemplo, está na CBN em Fortaleza.

Poucos aqui tinham experiência em TV porque a própria UFPB era deficitária nesse aspecto de formação, a gente visitava o Espaço Cultural, tinha um setor lá de televisão, praticamente foi onde a gente treinou. No curso mesmo não tinha, foi mais rádio. TV não tinha nada na época e assim da turma mais antiga aqui, o único que já chegou sabendo alguma coisa de televisão é o repórter José Vieira Neto, que hoje é assessor do TRT. Ele tinha treinado na Globo Nordeste, tinha passado um tempo lá estagiando, mas o resto de nós aprendeu fazendo, em campo.

Era tudo muito improvisado, até porque hoje a gente brinca sempre, nós que somos da equipe antecedeu a internet, que hoje é tudo muito mais fácil pra produção: recorrem ao Google, recorrem aos portais, tem um campo muito mais amplo para pensar pauta. E antes a gente era mais assim na rua mesmo. Claro que as notícias chegavam também à redação e a gente era pautado, mas era complicado. Eu peguei um tempo ainda do jornal muito

dependente de agência de notícias, de receber de agência e a televisão se pautava muito pelo impresso, a fonte de consulta eram as manchetes do impresso e às vezes correr atrás de alguma coisa que não tivesse feito, muito menos imediato do que é hoje.

O resto era factual, na área policial, na área política, mas ainda assim peguei a televisão muito dependente do impresso, da manchete do impresso. E hoje em dia a gente nem conta com o que está no impresso, normalmente a televisão já deu no dia anterior, porque todo mundo se pauta pelas redes sociais, não só pelos portais de notícias. É muito mais veloz.

Antes todo mundo aceitava aquela condição de liderança imbatível da Globo, mas houve um momento que o mercado foi ganhando novos desafios... essa linha policial, por exemplo, a Globo resistiu, ou é essa a impressão que a gente tem, a resistência de se render a isso. Aí depois foi se adaptando por perceber o interesse do público nisso. Porque por mais que a gente não queira, dá audiência o sangue, o policial, as cenas chocantes. Aí depois há um certo recuo quando vê que não é isso que alguns veículos querem defender, mas aí é mais a linha editorial que eu prefiro nem abordar.

Fiquei pouquíssimo tempo na Tambaú, eu saí da Cabo Branco, porque na época foi uma proposta pro casal. Eu estava recém-casada e foi uma proposta conjunta. Eu era casada com Aldo Schueler e ele apresentava o Bom dia e o Globo Esporte local e foi chamado para Tambaú e eles fizeram uma proposta para o casal. Eu fui, mas aí pouco tempo depois, quando a Cabo Branco investiu no carro de transmissão ao vivo, por minha experiência nesse tipo de transmissão, eles me chamaram para voltar.

A transmissão ao vivo era novidade total. Antes para se fazer um ao vivo tinha toda aquela montagem de equipamento, tinha que ser um evento, uma coisa planejada: uma posse de governador, um evento mesmo, mas um carro tornou isso rotina de se ter vivo em todos os jornais, trouxe toda a agilidade.

Eu já tinha feito links com toda aquela estrutura montada, mas chegava lá só para fazer, os técnicos, coitados, acho que chegavam lá três dias antes para montar tudo.

Se você me perguntar qual foi a primeira matéria que eu fiz, eu não vou lembrar. Mas o que me fez sobressair e ser chamada para a TV Cabo Branco, foi que logo que eu comecei lá, por ter uma identificação com a política, o governo era Burity e eu fazia um programa com o governador. Gravava todo sábado na granja Santana e era exibido todo domingo e isso acabou me destacando, porque tudo que envolve governo chama a atenção. Recebi então o convite para passar integrar a equipe da Cabo Branco, mas ai era na reportagem geral.

Em relação a política eu participei da primeira posse de um governador transmitida ao vivo pela televisão paraibana, que foi a de Ronaldo Cunha Lima. Eu fiz pela Cabo Branco, a

gente transmitiu a sessão em si, a tarde na assembleia. Foi a primeira vez que a TV paraibana transmitiu a posse de um governador. E também mediei o primeiro debate entre governadores. Fui a primeira mulher. Nessa época, na TV O Norte. Então assim, só de ex-governadores, já fiz posse e velório de um bocado.

Foi muita adrenalina por que era uma solenidade e assim, fiz ao lado do jornalista Nonato Guedes, que era colunista político aqui na época e transmitimos juntos. Fizemos da Assembleia, todo o esquema montado foi para a transmissão da posse a tarde, mas aí a gente teve a ideia de entrar no JPB2, que até então como não tinha o carro, não tinha vivo no JPB2 e gente entrou. Foi um marco.

Outro fato marcante foi quando morreu o e governador Antônio Mariz, que também coincidiu que eu que estava na granja ao vivo, no dia que ele estava se ultimando. Ele morreu na hora do JPB2, então derrubaram toda a produção do JPB2 e eu dei em primeiríssima mão, furei rádio, jornal, televisão. Como ele morreu acabou que caíram todas as matérias que estavam espelhadas porque não fazia mais sentido, porque falava do agravamento do caso. Eu fiquei de lá praticamente segurando a transmissão toda ao vivo.

APENDICÊ A

ENTREVISTA V – ALDO SCHUELER

Eu vim a Paraíba fazer um trabalho de 2 meses, quando terminou o trabalho, Erialdo Pereira, que seria então o editor chefe escolhido de jornalismo da TV Cabo Branco, me encontrou num restaurante e me abordou. Ele foi até minha mesa e perguntou o que é que eu ia fazer da minha vida quando eu terminasse o trabalho. Eu falei que ia voltar pra casa, para o Rio de Janeiro. E ele falou “você não pode ficar?” e eu perguntei: ficar pra quê? Ele me disse que a TV Cabo Branco estava entrando no ar a partir do dia 1º de Janeiro, como Globo, e me queria no Bom dia Paraíba. Eu pensei direitinho, consultei minha família no Rio e acabei ficando. Fui contratado em dezembro de 86 pela TV Cabo Branco, tinha chegado a João Pessoa no dia 23 de agosto de 86, vai fazer trinta anos em agosto que moro aqui. Mas enfim, fui contratado em dezembro, ficamos em treinamento e a TV Cabo Branco entrou no ar com o sinal Globo dia 1º de Janeiro, à zero hora de 87, todos os jornais menos o Bom Dia Paraíba, que foi ser estruturado.

E aí entramos no ar no dia 1º de Fevereiro, foi um momento evidentemente muito marcante, apesar de inicialmente serem gravadas, porque a televisão estava ainda se montando. Mas foi um material gravado. Os programas eram gravados de madrugada, com todo o material que a gente colhia que a equipe de produção e os repórteres colhiam, durante o dia. E foi assim que a gente estreou no bom dia.

Estreamos um mês depois, eu, o jornalista Nonato Guedes, o jornalista Edinaldo Lorenço e também Gerardo Rabelo, que tinha no bom dia um quadro chamado “Agenda Cultural”.

A produção do Bom dia era feita na noite anterior, na madrugada ficava uma equipe na televisão montando o programa, editando todas as matérias, que era muito mais complicado, fitas enormes. Hoje computadorizado é super rápido, muito mais fácil. Antes era mais complicado, mas os profissionais de operação que foram formados na TV Cabo Branco eram excelentes, parece que nasceram para aquilo. Tínhamos os editores Fernando Santana, Antônio, Carlos, Josemar, Eufênia, tantos outros, eles trabalhavam muito bem. Então montavam com rapidez, uma facilidade muito grande; montavam o jornal e quando eu chegava as 3 horas da manhã a gente já gravava o jornal e ele era exibido as 6 e pouca.

Eu preciso voltar um pouco... Na TV Cabo Branco antes de eu sair de lá para vim para TV Tambaú, eu passei por todos os telejornais da Cabo Branco. Eu apresentava só o bom dia, mas aconteceu a saída do apresentador do Globo Esporte, na época o gerente de programação,

sugeri ao Erialdo Pereira que eu apresentasse também o Globo Esporte, porque eu tinha muito estilo para apresentar na época. Muito bem, eu fui apresentar o Globo Esporte e fiquei com os dois. Aí houve a saída da Rejane Brandão, que apresentava o JPB 3ª Edição, que na época tinha. Com a saída dela, me colocaram para apresentar o Bom Dia, Globo Esporte e JPB 3ª Edição, mas aí o jornal saiu do ar, o JPB3. A Rede Globo no Rio retirou o JPB3 do ar de vários Estados. Aí o Geraldo Oliveira, que apresentava o JPB 2ª Edição saiu para um trabalho em Fortaleza. Aí me deslocaram... Me colocaram para fazer o Bom dia, o Esporte e JPB2. EDilane Araújo ficava apresentando o JPB1. Aí o próprio José Carlos da Silva Junior, proprietário da TV, achava que minha exposição estava muito grande no ar, alguns telespectadores também diziam, minha imagem estava se desgastando e se houver desgaste, você fica intolerável à população e se você fica intolerável, você perde o seu espaço.

Então o que aconteceu: eu fui para o JPB 1ª Edição, porque eu saía do Bom dia, permanecia pela manhã na televisão, entrava no estúdio para apresentar o JPB1, tirava o paletó, jogam uma imagem do esporte atrás de mim e eu apresentava o Esporte, de camisa social e gravata.

Nesse processo, me convidam para a TV Tambaú. Não tinham apresentadores a noite e aí o nome que a direção da empresa deu foi o meu. Depois nas negociações eu vim para cá, no dia 1º de agosto de 92. Fui ficando e fui ficando, para apresentar o Tambaú Notícias, mas daí para frente apresentei outros telejornais.

Sem dúvida nenhuma, antigamente, acho que a gente até pode dizer assim... Quando a TV Cabo Branco entrou no ar, aqui não tinha Globo local, mas já existia uma audiência já vinda do Rio de Janeiro, do Sul do país. A Rede Globo pra você ter uma ideia, o JPB 2ª Edição, ele atingia 82 pontos de audiência, era um negocio fantástico, a gente nem acreditava, mas não era um domínio propriamente dito. Parecia que existia realmente em determinados horários, se bem que a Globo sempre teve uma audiência enorme em toda a sua programação durante o dia todo, mas havia uma predileção pela noite, que é chamado horário nobre, aquela coisa toda, que tinha o Jornal Nacional... Então o JPB2 antecedia o JN e isso a audiência já era automática, era uma coisa que quando você buscava na audiência, na pesquisa de audiência, já tinha automaticamente os números maiores da TV Cabo Branco e menor da TV O Norte. Era um processo natural.

Mas aí o tempo foi passando, entrou também a TV Correio, e aí começa aquela luta mesmo pela audiência, porque um telejornal é melhor que o outro, aquela coisa, aí sim. Hoje em dia, aliás já de bastante tempo, existe uma briga, no bom sentido, de audiência em cada emissora. A Globo teve um período que perdeu a audiência no horário de meio-dia para a TV

Tambaú, quando houve a estreia do programa Caso de Polícia. Mas nos demais horários a TV Cabo Branco tinha mais audiência do que as outras. A Correio depois veio com um material muito bom e começou a ter um trabalho muito bacana no mercado e atingiu uma parte da população que simpatizava com a programação que a TV Correio colocou no ar, e isso deu audiência, também nesse horário de meio dia, a ela. Que acabou suplantando a TV Cabo Branco e a Tambaú.

Então essa briga ela tá até hoje, só que ela diminuiu, os números diminuíram muito de um para outro. Antes você tinha 20 e tantos por cento ou 30 e tantos, hoje não tem mais... Tem 15 por cento, a outra tem 11, a outra 12. Números próximos que se você for realmente procurar numa pesquisa você ver que está praticamente empatado.

APENDICÊ A

ENTREVISTA VI – TONY SHOW

Eu fui o primeiro comunicador de rádio a ir para a televisão a fazer a primeira transmissão ao vivo de um programa de entretenimento popular e de auditório. Era semanal, que passou depois a ser diário. Isso na TV Correio, eu fiz a primeira transmissão da TV.

Eu já integrava o sistema. Fazia AM, fui para a FM, criei a FM popular, que foi a 98 “a FM do povo”, com o sucesso da FM e o sucesso do meu programa, de 8h ao meio dia, Alexandre Jubert, que é o superintendente até hoje, me disse “rapaz, tem a grade da TV, vamos colocar um programa, pelo menos semanal”. Aí eu topei e perguntei qual seria o horário. Tinha um horário de manhã no sábado e queria gravar no teatro Lima Penante. Mais aí eu disse: se for pra fazer tem fazer uma coisa bacana. Então a gente foi gravar no teatro de arena, era a coisa mais linda do mundo... para você ter uma ideia vinha gente do Rio e São Paulo, as gravadoras comparam a ideia do programa. Eu tinha um apoio financeiro muito grande para aquela época, porque não se dá apoio financeiro de gravadoras para projetos no Nordeste. Hoje não dá, quanto mais naquela época, mas eu virei uma referencia a ponto de que as gravadoras marcavam a agenda dos cantores para o Recife, mas vinha a João Pessoa antes fazer o meu programa. E aqui eu trouxe muitas estrelas.

Era uma loucura o que a gente fazia, mais sei que fez sucesso e aí queriam que fosse diário e ao vivo. Comecei então a fazer ao vivo e diário. Mas aí mudou o formato, era completamente diferente, mas continuava com música, porque eu sempre trabalhei com shows. E aí eu comecei a ter um programa mais dinâmico, nele tinha o problema dos bairros, tinha para resolver problemas de saúde; eu trabalhava para o povo. Tinha a sala do povo, era bem mesclado, até hoje eu não consegui encontrar nada parecido.

A história começa, queira ou não queira, com o primeiro programa no ar e ter uma história e uma continuidade foi o meu. Outros programas entravam, saíam, mas eu não. Só basta vê que eu coloquei a TV Correio no ar e só sair do ar quando sai da TV, que foi por conta de um problema de relacionamento.

Trabalhou comigo muita gente. Sabe uma pessoa do cenário nacional e que começou comigo? Raquel Sheherazard. Ela foi foquinha do nosso programa Tony Show na TV e tem outros nomes que agora não consigo lembrar. Mas nomes que começaram conosco e hoje estão na TV Cabo Branco, TV Tambaú, em jornais impressos, virtual. Muitos câmeras, técnicos.

Eu vim na contra mão de todo mundo, sempre na contra mão. Quando vejo hoje todo mundo indo na mão que eu fazia a contra mão, eu fico feliz da vida. Porque eu já apostava nisso logo no início de tudo, eu apostava que tinha que ser popular, tanto é que eu coloquei a primeira rádio de FM popular na Paraíba. E todo mundo copiou. Na comunicação de TV eu sabia. Eu fui voto vencido, mas como eu tinha autonomia eu disse que se não fosse assim eu não fazia. Para você ter uma ideia eu bati na trave de ser nacional. No dia do teste para ser nacional, quando a Record foi comprada pela Igreja Universal do Reino de Deus, ela aproveitou alguns quadros do Brasil para ir para São Paulo. E aí eu me deparei com Ratinho, como eu ia ganhar de Ratinho, se ele já entrava no ar em São Paulo? Mas fiz uma gravação, eu, Ratinho e um cara muito bom do Maranhão e lógico, Carlos Massa ganhou.

Aqui eu mandava nessa área popular, eram muitos anunciantes nacionais. A Dorian, por exemplo, a manteiga, eu que lancei a marca na Paraíba. Eu criei um jingle que ficava cantando junto com uma pessoa vestida de manteiga. Eu mandava, mas não em audiência, uma contradição. Eu tinha a classe B, C e D.

Hoje tecnologicamente está tudo mais fácil, antigamente era muito difícil, complicado. Mas fizemos. O popular hoje eu só não concordo muito com a área policial. Porque hoje eles fazem o popular em cima do sangue e eu nunca gostei. O popular que eu gosto é cidade, é resolver os problemas da coletividade.

APENDICÊ A

ENTREVISTA VII – JOANILDO MENDES

Eu estava na implantação da TV Cabo Branco e passei quase 5 anos lá. Após isso, saí de lá para fundar uma outra televisão no Rio Grande do Norte, TV Potengi, passei lá pouco mais de um ano e fui convidado para voltar para fundar a TV Tambaú.

Daí eu cheguei aqui por abril ou maio de 91, foi o período que ela estava ainda em formação de equipe, para entrar no ar dia 5 de agosto. Foi uma correria grande. Marcelo Braga, que foi o responsável pela implantação da TV aqui, do grupo Marquise, foi quem me convidou para voltar para João Pessoa. Ele tinha trabalhado comigo na TV Potengi, ele era o diretor de produção, saiu para fundar a Tambaú aqui na Paraíba. Como ele conhecia pouca gente aqui e como eu sou daqui, conhecia muita gente, já tinha trabalhado na fundação da TV Cabo Branco, ele me pediu uma ajuda para montar a equipe. Então fui convidado para ser Editor geral, montamos uma equipe de profissionais na época das duas emissoras que já funcionavam, O Norte e TV Cabo Branco.

O primeiro jornal foi o Tambaú Notícias, a noite, apresentado por Luciane Loureiro e Lourimar Neto, eles trabalhavam em Natal e veio com a gente. E aí foi surgindo outros programas como o Tambaú Debate ao meio dia, e aí veio Aldo Schueler trabalhar com a gente e Nelma Figueiredo também. Esses eram os dois programas telejornalísticos do início. Daí então veio o Caso de Polícia depois e outros.

Pelo fato de eu ter trabalhado na TV Cabo Branco e ter trabalhado no Rio Grande do Norte, foram duas escolas totalmente diferentes. Lá na TV Potengi já era uma equipe bem montada, tinha profissionais de quase todas as regiões do Brasil... Para editar lá era complicado. Uma simples roleta de ônibus chamavam de várias outras coisas, cada um chamava de acordo com o nome da sua região. Então a gente TV que fazer uma espécie de manual da redação da TV Potengi, para unificar o português. E aí eu trouxe para TV Tambaú essa experiência de lá.

Nosso trabalho era muito no jornalismo aprofundado, mais completo do que o factual. A gente tinha o factual, mas tinha sempre uma matéria forte para encerrar o telejornal. Nós tínhamos 7 repórteres e na sexta-feira, por exemplo, todos os 7 participavam. Ou seja, cada um tinha praticamente um minuto para fazer a sua pauta.

A visão empresarial mudou muito nesse período. Quando eu estava na TV Cabo Branco, a dificuldade era tão grande que para você ter uma ideia, a gente tinha uma cota de combustível para fazer matéria. Eu era repórter da noite, então sobrava para mim alguns litros

de gasolina e a saída era fazer matérias ou na própria empresa ou no Clube Astréa, que ficava de frente e era aberto. Então matérias de esporte, a gente ia e fazia handball, basquete, vôlei, tudo na quadra do clube, pois era só atravessar a rua. Depois o grupo São Braz comprou, melhorou e esse negocio de gasolina deixou de existir, houve mais investimento e mudou para melhor. Apesar de ficar sempre aquele jornalismo pasteurizado, aquela coisa muito certinha, muito Global, mas era aquilo que tinha.

Com a TV Tambaú não, tinha uma janela aberta. Era afiliada da Rede Manchete, ela lhe dava tudo para poder criar, poder inovar, a gente viajava mesmo. Para você ter uma ideia, a gente comprava quase todos os canais da Telpa, empresa de telecomunicações na época, para transmitir um ao vivo de Campina Grande para o Brasil. Foi a primeira emissora a transmitir ao vivo o São João de Campina Grande, já em 92, através de rádio e telefone. Nós conseguimos uma antena parabólica em Natal, alugamos lá, levou para Campina, pegou um técnico de São Paulo. Ele veio da Manchete, bancamos ele aqui e ele era impressionante, nunca vi aquilo. Pegava um radio de pilha, transformava e colocava o áudio da gente para o Brasil inteiro. Nunca vi aquilo. Passamos 15 à 30 dias dentro de Campina Grande, com equipe, fazendo esse material. Tínhamos essa liberdade. Entravamos ao vivo em todo telejornal. Tínhamos todo dia uma matéria emplacada em rede nacional e quando eu trabalhava na TV Cabo Branco eu só consegui emplacar uma matéria, que foi no Esporte Espetacular.

Bem, a primeira transmissão da TV Tambaú foi perfeita. Foi uma festa. A gente abriu champanhe quando terminou. Foi uma maravilha, tudo redondinho, tudo no lugar. Uma coisa assim, parecia que a equipe estava já trabalhando a muito tempo. Depois outros percalços aconteceram, normal porque é televisão ao vivo. Mas a primeira não, foi um filho que nasceu sabe?!

Olhe, na realidade a TV Cabo Branco, agora começou a querer se popularizar mais, exatamente por conta da audiência. É uma coisa que vem desde Aqui e Agora, que começou essa coisa policialesca, de baixar o nível da televisão. A gente foi obrigado, de certa forma, a enveredar por isso, a montar um programa como o Caso de polícia, que existe até hoje. Eu viaja muito e peguei um projeto que chamavam Ronda da Cidade, lá do Ceará e aí surgiu a ideia do Caso de Polícia. Era uma prestação de serviço à comunidade, você estava vendo uma pessoa, que era um bandido e reconhecia, mas juridicamente deu confusão.

Bem, mas voltando, sem audiência nós não somos nada e aí não vende. Na época a Cabo Branco tinha 70% do bolo e qual foi a saída? Popularizar! E popularizar o povo começa a assistir e a audiência começou a subir. A da Cabo Branco começou a baixar, os anúncios

começaram a surgir para a gente. Chegou um ponto que não tinha onde anunciar tinha que ter até merchandising no programa.

Foi uma das soluções que encontramos para audiência, outra coisa foi investimento no jornal da noite. Nosso jornal da noite chegou a bater o da TV Cabo Branco e era uma coisa impossível.

Trabalhávamos muito essa coisa do serviço de ir para a rua. Esse calendário que a TV Cabo Branco faz a gente já fazia a muito tempo. Eles estão indo para a rua porque são obrigados, por eles, não saiam daquele mausoléu. Manteriam o padrão Globo, tudo muito frio.

O padrão Globo ainda existe. Não só na TV Cabo Branco, a Tambaú também enveredou por esse lado e por isso que perdeu audiência para a Correio.